

Raul Drewnick



Vaga - Lume

CORRENDO CONTRA O DESTINO



Raul Drewnick

CORRENDO CONTRA O DESTINO

Série Vaga-Lume



TEXTO

Editor: Fernando Paixão

Editor assistente: Emílio Satoshi Hamaya

Preparação de originais: Maria Luiza Xavier Souto

Suplemento de trabalho: Nilson Joaquim Silva

Revisão:

Sandra Brazil (coord.)

Eloísa de Maués

Solange Scattolini

ARTE

Ilustrações: Célia Kofuji

Editor: Marcello Araújo

Editora assistente: Suzana Laub

Editores eletrônicos: Eduardo E. Rodrigues

ISBN 85 08 07730 0

Editora Ática, 2001, 1ª edição, 1ª impressão

Este e-book

Digitalizado por SCS

em Setembro/2013



Sumário

Transformando as dificuldades em desafio	4
Conhecendo Raul Drewnick	5
1. Um carequinha muito rápido	6
2. Nós vamos ser grandes	11
3. Mau humor nota 10	15
4. Zangado e sem macarrão	18
5. Ah, aquela escola!	22
6. Todos para a pista	25
7. Mais ajuda ainda?	27
8. Eu conheço aquele ali	29
9. Agora chega, Marta	33
10. Um presente para Pascoal	36
11. Guerra ou paz?	39
12. Mãe até debaixo de água	42
13. Aqui, tudo vai mal	45
14. Uma visita ao inferno	49
15. Uma garota de fibra	53
16. Não nasci para ser santa	57
17. Só vale vencer	59
18. Um "s" a mais	64
19. Empregada para quê?	69
20. Uma pequena vingança	72
21. Uma vitória sem brilho	75
22. Cadê a Sueli?	80
23. A Sueli está aqui	85
24. O que faz a paixão	87
25. A mascarada	91
26. Herói ou imbecil?	96
27. A mana de Sebastião	99
28. O ladrão com a faca	103
29. Quem mexeu na bolsa?	106
30. O mistério continua	109
31. A dura verdade	113
32. Como tudo aconteceu	117
33. Abraços campeões	121
34. Só nos duzentos	123
35. Treinar, treinar, treinar	126
36. Débora <i>versus</i> Sueli	129

Transformando as dificuldades em desafio

A vida dá muito a alguns e quase nada a outros. Mas, muitas vezes, estes que nada têm são dotados de uma tal força, garra e obstinação capazes de fazê-los superar todas as dificuldades.

Pascoal está satisfeito. Depois de muita luta, consegue realizar seu grande sonho: abrir seu próprio negócio, um mercadinho num bairro pobre da periferia de uma grande cidade. Só lhe falta agora vencer a resistência de Marta, sua mulher, que não consegue se adaptar ao novo lugar. Mas ele persiste, pois tem a convicção de que está no caminho certo.

É nesse caminho que ele e sua família vão se cruzar com Sueli, uma menina decidida, cujo sonho é tornar-se uma grande desportista. Sueli também enfrenta muitas dificuldades: a família numerosa, a extrema pobreza na favela, a falta de caráter do pai. No entanto, não se deixa vencer pelos obstáculos. Ao contrário, estes lhe dão força para superar seus limites.

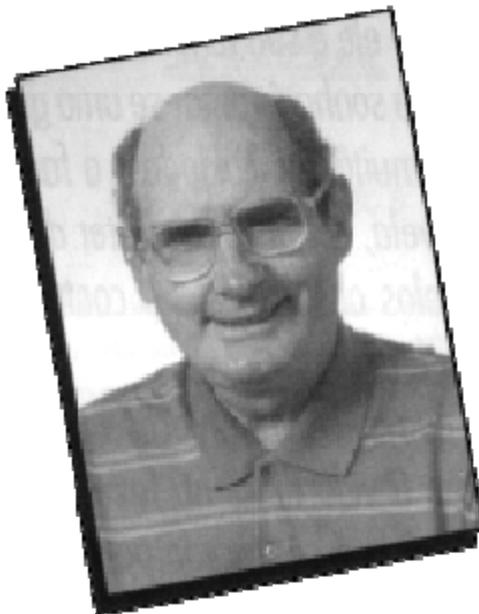
Nesses destinos que se cruzam, você vai conhecer o cotidiano de um bairro humilde e a vida difícil na favela. Vai também vibrar com as emoções do esporte e ser tocado por esta história de garra, esperança e solidariedade.

Conhecendo Raul Drewnick

Apaixonado pela literatura, Raul Drewnick discorreu sobre vários assuntos, aportando muitas vezes num tema de grande interesse para ele e para o público: os esportes.

Nascido em 1938, na cidade de São Paulo, começou a trabalhar como Jornalista em 1960. Foi cronista da revista Veja, do jornal O Estado de S. Paulo e escreveu também para a revista Cláudia. Desde 1999 publica uma crônica semanal no Diário Popular, às quartas-feiras.

Raul Drewnick escreveu vários livros, para o público adulto e também para o infantil. Na área juvenil, em que mais tem se destacado, só na Série Vaga-Lume já tem quatro volumes publicados: *Um inimigo em cada esquina*, *Vencer ou vencer*, *O preço da coragem* e *A grande virada*. Neste livro, mais uma vez ele nos brinda com uma história sobre o esporte: a trajetória de uma menina pobre que luta para tornar-se uma atleta profissional.



1. Um carequinha muito rápido

Pascoal sorriu ao olhar para a outra calçada e ver, iluminada pelo sol de abril na manhã de terça-feira, a frente da grande loja, com sua imponente placa proclamando em caprichadas letras azuis: MERCADINHO PASCOAL.

Esperou passar um carro e, assobiando, atravessou a rua em passos lentos, para desfrutar melhor seu orgulho. Depois de uma infância pobre e uma adolescência miserável, ele havia trabalhado muito em vários empregos obscuros, economizado dinheiro com obstinação e podia agora, aos trinta e seis anos, sentir a satisfação de ter um negócio só dele. Ali, não precisava suportar o mau humor de nenhum chefe ou patrão. O chefe era ele, o patrão também.

Ainda assobiando, girou a chave na fechadura. Quando se abaixou para suspender a porta do mercadinho, ouviu uma voz:

— Pode deixar que eu abro, seu Pascoal.

Era Matias, um de seus três empregados.

— Tudo bem, Matias?

— Tudo numa boa, seu Pascoal. E o senhor?

— Tudo numa ótima. Se melhorar, estraga...

Rindo, Matias levantou a porta. Assim que entraram, chegou Raimundo, outro dos empregados. E, logo em seguida, Lucélia, a caixa. Estava completa a equipe de atendimento do Mercadinho Pascoal, para mais um dia de trabalho.

Depois de conversar alguns minutos com os funcionários, Pascoal foi para o seu pequeno escritório, perto do balcão de frutas. Dali, podia ver os quatro cantos da loja e sair para resolver qualquer dúvida ou problema e ajudar os empregados nas horas de maior movimento.

Havia inaugurado o mercadinho fazia quatro meses e andava satisfeito com as vendas. Estava gostando do bairro, também, e cada dia mais feliz por ter vencido a resistência da mulher, que não queria ir para lá de jeito nenhum. Quando



soube que ele pretendia abrir a loja ali e alugar uma casa lá perto, ela havia entrado em pânico:

— Você está doido, Pascoal? O Jardim Itapetininga é o maior faroeste. É tiroteio de cinco em cinco minutos. Você não vê televisão, não?

Outros parentes avisaram também que não era uma boa idéia ele arrastar a mulher e os dois filhos para um lugar como aquele, mas Pascoal não estava disposto a desistir.

— E onde não existe violência nesta cidade? — ele perguntava, sabendo que não haveria resposta.

Agora, sentia-se feliz por não ter mudado de opinião. O aluguel da loja e o da casa custavam pouco, os moradores do bairro não pareciam selvagens e a escola não era pior do que a maior parte das escolas da periferia. João Marcos, seu filho, e Cássia, sua filha, estavam gostando e já tinham muitos amigos.

Marta, a mulher, continuava excomungando a idéia do marido de ir morar lá. Mas Pascoal achava que logo ela ia parar de reclamar. Já a tinha visto falar uma vez ou outra com as vizinhas e eram cada dia mais freqüentes os seus passeios pelas redondezas. Dificilmente ela fazia um elogio a alguma coisa, mas as suas críticas já não eram tão fortes.

— Você vai acabar gostando daqui — murmurou Pascoal, sentado no escritório e sorrindo para a foto em que a mulher aparecia com os filhos, na festa de aniversário de um deles.

Fazia quinze minutos que o mercadinho estava aberto e já uns dez fregueses tinham passado as compras pela caixa. Era um bom começo de dia, pensou Pascoal, observando um grupo de seis mulheres que entraram gesticulando e falando alto. Percebeu que o assunto delas era o maltratado parque do bairro.

— Que horror que aquilo está, hem?

— Demais. Dá até desespero.

— Tenho saudade do tempo em que a gente podia fazer umas caminhadas por ali. Agora, só passo por lá quando não tem outro jeito.

— Eu também. Nós precisamos fazer um novo abaixo-assinado.

— E abaixo-assinado resolve alguma coisa? O último que nós fizemos está lá na prefeitura há mais de dois anos, sem resposta.

— É. Mas agora o prefeito é outro.

— E isso adianta? Parece que tudo quanto é prefeito é produzido na mesma fábrica...

— Se aqui fosse um bairro chique, a gente podia ter alguma esperança. Mas vocês acham que o prefeito quer saber se um bairro do fim de mundo tem um parque cheio de árvores podres, sem grama e todo esburacado?

— Isso tudo é muito chato, mas o pior é a falta de segurança. Sozinha eu não ando mais lá, de jeito nenhum, depois que me assaltaram aquela vez.

Atento à conversa das mulheres, Pascoal só notou a presença do garoto comprido e careca quando ele, já com dois

pacotes de biscoito nas mãos, se encaminhava para a caixa. Voltou a olhar para as mulheres, que tinham saído da seção de frutas e estavam na parte de enlatados, quando ouviu os gritos de Lucélia:

— Ei, moleque! Volta aqui! Volta, ladrão!

Pascoal viu o menino correndo e, logo atrás dele, correndo também e xingando, Raimundo. Lucélia tinha se levantado da cadeira, e Matias, parado no fundo, acompanhava com espanto a cena. Das mulheres, só uma parecia ter percebido o que estava acontecendo. Ela pôs a mão no peito e, com a outra, apontou a entrada da loja, para chamar a atenção das amigas. Dava a impressão de que ia gritar, mas não gritou.

Pascoal correu para fora e ficou torcendo para Raimundo alcançar o ladrão, mas logo sentiu que era impossível. O carequinha era rápido demais e, atravessando a rua no meio dos carros, dobrou a esquina e desapareceu, enquanto Raimundo e os furiosos motoristas enchiam de palavrões o ar da manhã.



— Ei, moleque! Volta aqui! Volta, ladrão!

2. Nós vamos ser grandes

Quem não era do bairro e passava perto do colégio, no intervalo entre as duas primeiras e as duas últimas aulas, se espantava. Nessa hora, o barulho que vinha dali era assustador. Até os passarinhos procuravam voar um pouco mais alto, para evitar problemas. Naquela manhã de abril, o quarteirão onde ficava a escola parecia estar sendo sacudido por um terremoto. No pequeno pátio com piso de cimento, disputava-se uma feroz partida de futebol. Cada um dos times tinha mais de trinta jogadores.

As garotas, impedidas de circular por ali e expulsas aos empurrões quando se atreviam a desobedecer, expressavam seu descontentamento:

- Ei, qual é? Vocês pensam que são donos do pátio?
- Esse jogo acaba ou não acaba?
- Mulher não tem vez mesmo. Ô, droga!

Os garotos fingiam que aquilo não era com eles. Cada um continuava empenhado em fazer a bola — uma latinha de refrigerante já toda amassada — entrar no gol adversário: o espaço entre dois montes de agasalhos.

De vez em quando, algum espertinho diminuía ou aumentava esse espaço, provocando protestos:

- Ô, malandro!
- Pensa que nós somos idiotas, é?
- Pode ir pondo as traves no lugar.

O jogo parava, então, até o gol ser recolocado no seu tamanho original, o que só acontecia depois de muita discussão e empurra-empurra.

João Marcos, o filho de Pascoal, era um dos jogadores mais entusiasmados. Corria para todos os lados, tentava defender, procurava atacar. Seu joelho esquerdo, todo esfolado, era uma expressiva marca de sua dedicação.

Se só vontade bastasse, seria um supercraque. Mas não tinha nenhum jeito para aquilo. Era afobado, desajeitado, trapalhão. Quase nunca acertava a latinha. Seus chutes,

quando não pegavam as canelas dos adversários, atingiam as canelas dos companheiros.

Cássia, a irmã, estava muito atenta ao jogo. Não se interessava nem um pouco por futebol e jamais torceria pelo irmão, aquele metido. Mas não podia perder nenhum dos seus ridículos lances. Mais tarde, quando ele fosse contar vantagem, como sempre fazia, ela lançaria todas aquelas jogadas sem talento e sem brilho na cara dele.

O sinal para a terceira aula soou. Acabado o jogo, iniciou-se um bate-boca que continuou enquanto os garotos voltavam para as classes:

- Que goleada vocês tomaram, hem?
- Goleada? Seis a cinco agora é goleada?
- E não é? Fora o olé.
- Olé? Olé vocês vão levar amanhã.

Naquele momento, a diretora do colégio, dona Ivete, preparava-se para levar a todas as séries uma ótima notícia. A escola havia acertado um acordo para que os alunos usassem o centro esportivo da prefeitura no bairro.

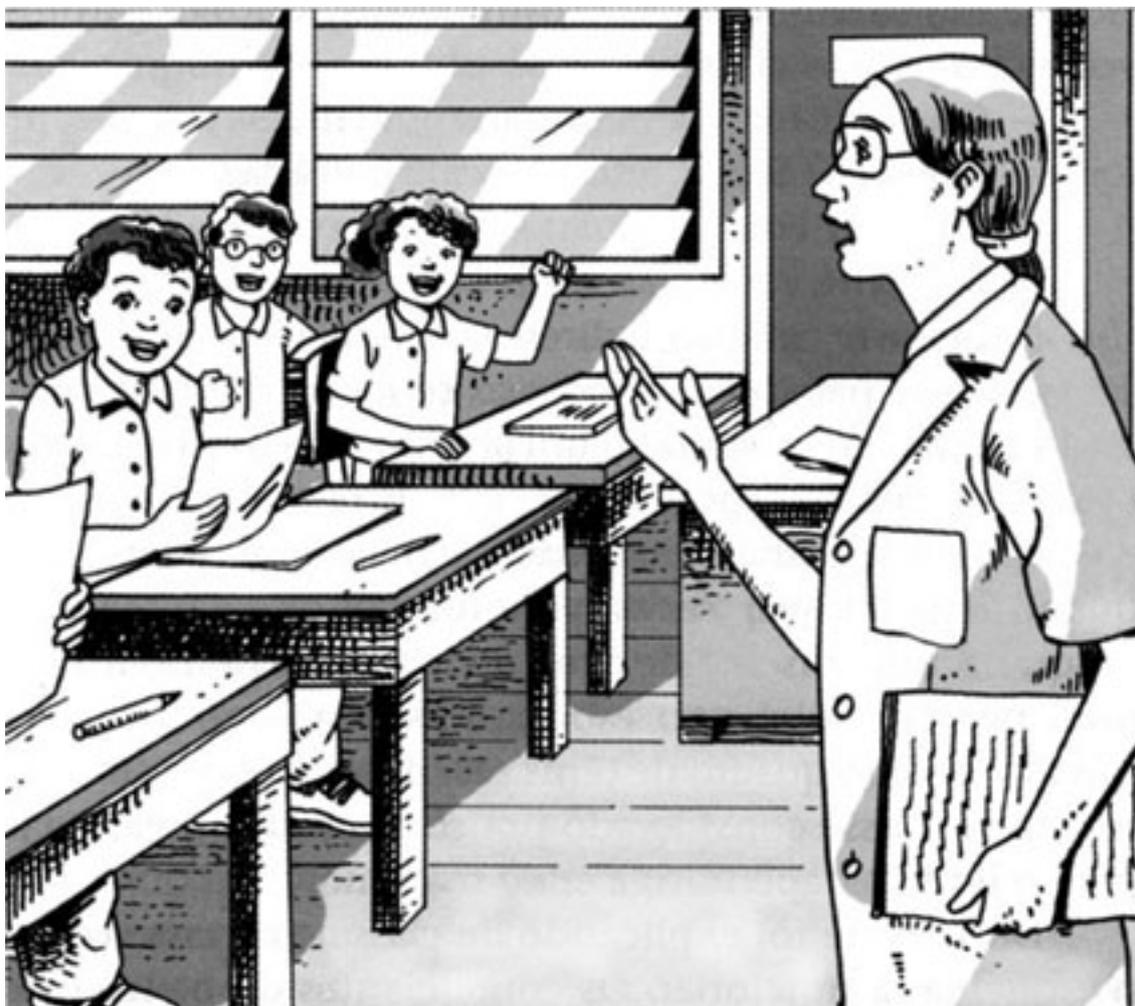
O centro tinha uma quadra cheia de goteiras que, quando não chovia, servia para futebol de salão, vôlei e basquete, uma piscina de água nem sempre muito limpa, uma pista de atletismo esburacadíssima e uma grande novidade: uma quadra de tênis recentemente construída. Isso talvez fosse considerado pouco em outro lugar, mas para o Jardim Itapetininga era o máximo.

Dona Ivete foi explicando de classe em classe como o esquema ia funcionar. Os comerciantes do bairro e os pais de alunos seriam procurados para dar uma contribuição. Quando ela falava dos comerciantes, não havia manifestações. Mas, no instante em que mencionava os pais de alunos, começavam os comentários:

- Meu pai ajudar? Essa não.
- E o meu, então? Só se for no Dia de São Nunca...
- Lá em casa, quando aparece uma nota de dez, a minha mãe pergunta se o meu pai assaltou um banco...

A diretora explicava, então, que não era só com dinheiro que as pessoas podiam ajudar.

— Elas poderão participar dos mutirões que de vez em quando nós vamos organizar para fazer serviços de manutenção no centro. Vamos precisar de pedreiros, pintores, gente para lavar os uniformes dos atletas, essas



coisas.

Depois da passagem de dona Ivete pelas classes, ninguém mais prestou atenção às aulas. Os garotos e as garotas já se imaginavam furando a rede com seus chutes, sacando, cortando, fazendo cestas de três pontos, quebrando recordes na pista e na piscina, transformando-se em reis do tênis.

Na hora da saída, João Marcos encontrou-se com Cássia na porta da escola, para voltarem juntos para casa.

Animadíssimos, os dois começaram a conversar sobre a grande notícia.

— Eu vou querer jogar tênis — anunciou João Marcos.

— Ah, é? — disse Cássia, sarcasticamente. — Eu pensei que você ia querer jogar futebol de salão. Você é o maior craque...

Fazendo de conta que não tinha percebido a provocação, João Marcos perguntou:

— E você, vai fazer o quê?

— Eu? Natação, é claro.

— Natação? Você não perguntou se vai ter curso de culinária, fedelha?

Cássia encheu bem o peito de ar, antes de reagir:

— Fedelha por quê? É muito melhor ter doze anos e ser esperta do que ter treze e ser imbecil, como você.

Andaram alguns metros em silêncio — ele, zangado, ela, furiosa. Mas, logo adiante, João Marcos reiniciou a conversa. Estava ansioso para falar da sua futura carreira de tenista.

— Daqui a um ano ou dois, eu vou estar jogando que nem o Guga — ele proclamou, sem modéstia.

A irmã sentiu vontade de gargalhar e dizer que magricelas e compridões como ele só podiam se dar bem no basquete, mas se segurou. Se falasse aquilo, ele na certa ia fazer o que sempre fazia: dizer que ela só crescia para os lados. Ela então guardou o comentário e preferiu fazer uma declaração:

— Na próxima Olimpíada eu vou estar lá, ganhando a medalha de ouro para o Brasil.

João Marcos conteve-se para não dizer o que pensava: que as baleias sempre nadaram muito devagar.

Assim, sonhando com triunfos e glórias, foram caminhando para casa. Ele acelerando o passo, porque um tenista precisa estar sempre em forma. Ela tentando acompanhá-lo, apesar dos quilinhos a mais, porque uma nadadora não deve desanimar nunca.

3. Mau humor nota 10

Ainda entusiasmados com a notícia recebida na escola, Cássia e João Marcos jogaram as mochilas escolares no sofá e, sob o olhar espantado da mãe, puseram-se a falar ao mesmo tempo, entrecortando as frases:

- Mãe, a dona...
- A dona...
- Ivete disse...
- Ivete falou...
- que a prefeitura...
- que o colégio...

Marta deu um tapa na mesa da sala, fazendo estremecer o grande vaso chinês que a embelezava, e berrou:

— Ôôô, meu Deus!!! Não dá para falar um por vez? Será que vocês não aprendem nada naquela escola?

Irmão e irmã calaram-se instantaneamente e ficaram se olhando: o que estaria acontecendo? A mãe era famosa por seus gritos, intensíssimos, agudíssimos, irritantíssimos. Mas aquele ôôô tinha superado todos.

A casa devia ser mais sólida do que pensava o pai. Se não fosse, teria desabado em cima deles, pensou Cássia, enquanto João Marcos, exercitando também sua ironia, imaginava se aquela magnífica demonstração de força na garganta já não era efeito do saudável ar do Jardim Itapetininga.

Baixando um pouco, só um pouco, a voz, Marta continuou:

— Eu já cansei de dizer ao pai de vocês que essa escola é uma vergonha, mas ele parece surdo... Ninguém lá ensinou que duas pessoas nunca devem falar ao mesmo tempo?

Cássia e João Marcos não responderam. Tinham medo de, outra vez, falar juntos. Marta então baixou bastante a voz e disse:

— Agora eu quero saber por que vocês dois estão tão excitados.

— E porque a...

— Porque a...

— Dona Ivete...

— Dona Ivete...

Marta deu outro tapa na mesa e mais uma vez o vaso se sacudiu todo.

— Vocês não aprendem mesmo, não é? — lastimou-se ela. — Última chance. Um dos dois, um só, pode me dizer por que tanta agitação? Para começar, quem é essa dona Ivete?

Cássia olhou para João Marcos, João Marcos olhou para Cássia e os dois ficaram assim por alguns segundos.

— Agora vocês engoliram a língua, é? — zombou a mãe.

Finalmente, depois de um sinal de cabeça de Cássia, João Marcos assumiu a responsabilidade de explicar à mãe a causa da alegria deles. Quando acabou de contar, com todos os detalhes, o extraordinário acontecimento da manhã, ele perguntou:

— Você não acha isso o máximo, mãe?

E, enquanto ele esperava a resposta da mãe, Cássia reforçou a pergunta:

— É, mãe. Não é o máximo?

Marta não respondeu. Deixou os filhos na sala e foi para a cozinha. Os dois a seguiram.

— Mãe, você não respondeu — cobrou João Marcos. Marta provou uns fios de macarrão, para ver se já podia desligar o fogo. Depois, abriu a geladeira e tirou dela uma cabeça de alho. Só então pareceu lembrar-se de que estava no meio de uma conversa e disse:

— Eu aqui esperando que na volta da escola meus filhos me falem de história, de geografia, de português, e vocês me vêm com essa bobagem de centrinho de esportes. É ou não é para desanimar?

— Como você é careta, mãe — protestou Cássia. — Esporte é saúde.

— Foi isso que aquela mulher... Como é mesmo o nome dela?

— Dona Ivete — responderam os dois ao mesmo tempo.

— Foi isso que ela disse, é? Então ela está no lugar errado. Em vez de diretora de colégio, devia ser presidente de um clube de vôlei ou futebol...

Ouviu-se o ruído do portão. Marta resolveu então dar mais uma alfinetada:

— O pai de vocês chegou. Se vocês contarem a grande novidade, ele é capaz de ficar até mais empolgado do que vocês. Viram como ele está apaixonado pelo bairro? Para ele, este é o melhor lugar do mundo. Paris não presta, Roma não vale nada, Nova York é uma porcaria. Bom é o Jardim Itapetininga... Se vocês conversarem direitinho com ele, vão acabar arrancando metade do lucro da vendinha para o tal centro. Ele sempre foi louco por tudo que é esporte...

Cássia e João Marcos acabaram rindo.

— Não é vendinha, mãe. É mercadinho — corrigiu Cássia.

— Isso por acaso melhora alguma coisa?

4. Zangado e sem macarrão

Assim que Pascoal entrou na cozinha, a mulher e os filhos notaram que ele estava contrariado. João Marcos perguntou:

— Aconteceu alguma coisa, pai?

Pascoal tentou disfarçar:

— Não, nada. Tudo bem.

Mas Marta arriscou um palpite:

— O movimento está fraco hoje?

— Fraco? Não. Está bom até demais. Eu não devia nem ter vindo almoçar. Está a maior pauleira lá.

— Por que você está com essa cara esquisita, então?

— Foi só um probleminha. Um pivete...

Pascoal disse isso e se arrependeu. Imaginando a satisfação que a mulher ia sentir se ele acabasse a frase, deixou-a incompleta, torcendo para que Marta não exigisse a sua conclusão. Mas ela exigiu:

— Um pivete o quê?

— Um pivete passou a mão numas bolachas e se mandou.

Ele pensou que Marta fosse sorrir, mas no rosto da mulher havia preocupação e medo:

— Ah, meu Deus. Ele estava armado?

— Não, Marta.

— Ele ameaçou alguém?

— Não. Ele só pegou as bolachas e saiu correndo.

— Eu não falei que este bairro não presta? Falei. Não falei? E isso é só o começo, você vai ver.

— Você é muito apavorada, Marta. Um moleque roubar uns biscoitos não é o fim do mundo.



— *Eu não falei que este bairro não presta? Falei. Não falei? E isso é só o começo, você vai ver.*

— Eu, apavorada? Você é que é sossegado demais. Já sei até o que você vai dizer. Que não é um problema policial, é um problema social.

— E não é?

O macarrão já estava no prato de Pascoal, mas ele não se animava a pegar o garfo. Estava arrependido de ter contado a história dos biscoitos a Marta. Aquilo ia atrasar a adaptação dela ao bairro. Irritado, ele cometeu outro erro. Encarou a mulher com ressentimento e disse:

— Quem ouve o seu papo, Marta, é capaz de pensar que você é uma aristocrata, uma grande princesa que só viveu em palácios. Você esqueceu que lá na Vila Amália, que você ama tanto, arrombaram duas vezes a nossa casa? Você acha mesmo que aquele era um bairro fino?

— Eu não sou aristocrata e a Vila Amália não é nenhum paraíso, mas uma coisa eu sei. Nunca morei num lugar pior do que este.

Pascoal levantou-se da mesa sem dar uma garfada.

— Você não vai comer, não? — Marta perguntou.

— Perdi a fome.

João Marcos e Cássia tinham acompanhado a discussão sem dizer nada. Quando o pai, desistindo de almoçar, foi até a sala para pegar de novo o paletó e voltar ao mercadinho, os dois o seguiram.

— Pai, você já vai?

— Já, Cassinha.

— Não vai tomar nem um suco?

— Não, filha. Obrigado.

— Pai, eu vou entrar na escolinha de tênis — anunciou João Marcos.

— E eu vou entrar na natação — disse Cássia.

— Tênis? Natação? Que história é essa?

— A dona Ivete falou que agora os alunos vão poder fazer esporte lá no centro da prefeitura.

— Ah, é? Verdade? Que bom, hem? Será que eu não posso ir lá competir também? Vocês podem dizer que eu sou uma fera no basquete. E no vôlei eu não sou fraco, não.

Os filhos bateram palmas, aplaudindo Pascoal. João Marcos deu um tapa no ombro dele:

— Aí, paizão.

Cássia explicou que dona Ivete havia pedido uma contribuição mensal de quem pudesse dar ou, então, uma ajuda em trabalho.

— Como é mesmo aquele nome que ela falou, João?

— Mutirão.

— Ah, é. Mutirão. Você pode, não pode, pai?

— Pode o quê?

— Dar um dinheiro todo mês.

— Acho que sim, Cassinha — respondeu Pascoal, rindo.
— Porque trabalhar eu não vou querer, não. Já chega o que eu faço lá no mercadinho.

Ele foi embora um pouco menos infeliz, apesar da fome que estava sentindo. Por que não tinha evitado aquela discussão? Não era bom negócio brigar com uma mulher que fazia um macarrão tão gostoso.

5. Ah, aquela escola!

No resto daquela terça-feira e nos dois dias seguintes, a campanha de Marta contra o Jardim Itapetininga enfraqueceu um pouco. Não houve pivetes nem furtos. Mas, na sexta-feira, um acontecimento na escola deu a ela novos motivos para manter sua opinião sobre o bairro.

Nesse dia, dona Ivete andou de novo de classe em classe, mas não para falar de esporte. A notícia que tinha para dar não era nada empolgante. Alguns alunos vinham sendo atacados por bichinhos muito pouco simpáticos: os piolhos.

Tinham sido descobertos uns dez casos entre meninos da primeira e da segunda séries e, para evitar a vitória total dos indesejáveis insetos, dona Ivete havia preparado uns papezinhos para distribuir aos garotos e às garotas, com instruções que pais e mães deveriam seguir em casa.

Quando João Marcos e Cássia chegaram em casa com os papezinhos, Marta exclamou, dramaticamente:

— Mas isto é o fim do mundo! Será que os alunos daquela escola nem banho tomam? É demais. Piolho é falta de higiene. Não é outra coisa. Eu acho um desaforo essa diretora mandar esses papeluchos para mim. Ela está pensando o quê? Que esta casa é uma estrebaria?

— Mãe, o que é estrebaria? — perguntou João Marcos.

— Estrebaria é o lugar onde ficam os animais. E também os meninos burros que não sabem o que é estrebaria.

— Nossa, mãe, você pegou pesado — queixou-se João, enquanto Cássia dava uma gargalhada e Marta, sorrindo, punha a mão no ombro do filho, para consolá-lo.

— Desculpe, filho. Eu peguei pesado mesmo. É que aquela escola e aquela mulher me deixam nervosa. Qualquer hora eu vou lá fazer um escândalo.

Depois disso, ela se acalmou. Mas voltou a ficar furiosa quando João Marcos disse sem ênfase, como se estivesse passando uma informação sem importância:

— Hoje faltou água lá na escola.

— Meu Deus, faltou água e você me diz isso com essa cara, como se fosse a coisa mais natural do mundo?

— É que só faltou no banheiro.

— Só? E você acha pouco?

— No banheiro das meninas acho que não faltou, mãe — informou Cássia.

— Você acha? Que história é essa?

— É que eu não precisei ir ao banheiro. Mas nenhuma menina disse que faltou. Ah, sabe o que aconteceu?

— O que foi?

— Falaram que o nosso guarda, aquele que fica lá na porta, foi preso.

Marta achou que aquilo era provocação:

— Você está brincando comigo, não está?

— Não, mãe. É verdade. O nosso guarda não apareceu hoje e disseram lá que ele está preso.

— Mas preso por quê?

— Não sei, mãe. Isso não falaram.

Marta não quis ouvir mais nada. Foi até a cozinha para acabar de preparar o almoço. João Marcos e Cássia a ouviram resmungar:

— Piolhos? Guarda preso? Eu não acredito. Só naquela escola mesmo.



6. Todos para a pista

No feriado de 1º de Maio, o centro esportivo da prefeitura fez uma festinha para receber seus novos sócios, os alunos da escola do bairro. Os pais que quisessem também podiam ir. Como o centro era pobre, os convidados deviam levar um pouco de carne, para o churrasco, ou refrigerantes.

João Marcos e Cássia levaram refrigerantes; Pascoal, dois quilos de picanha. Marta ficou em casa, dizendo que estava indisposta.

Quando os três chegaram, um grupo de pagode do bairro estava no meio da quadra, cantando músicas que falavam de amor e dos encantos da vida simples da periferia, arrancando aplausos e comentários do público:

- Eles são demais, não são?
- Você viu o *show* que eles deram na tevê?
- Não vi, menina. Eu precisei sair nesse dia.
- Se você quiser, eu empresto a fita. Eu gravei.
- Quero, sim. Eu adoro esses caras.

Os pagodeiros interromperam o *show* para que o dr. Egberto, presidente do centro, fizesse um discurso de boas-vindas aos novos sócios. Ele prometeu ser rápido, mas acabou gastando mais de dez minutos para dizer que esperava estar diante de futuros campeões. Alguém comentou que os advogados falavam mais do que a boca. O dr. Egberto era advogado.

Quando ele terminou e os garotos e as garotas visitantes já se imaginavam livres para explorar o ambiente, dona Ivete tomou a palavra:

— Agradeço ao doutor Egberto e quero dizer que, se algum dos meus alunos vier a se tornar um grande atleta, vou achar isso formidável. Mas o mais importante para mim é que, praticando esporte, eles vão ter mais saúde. Quero também dar um aviso. Quem tiver notas baixas receberá uma advertência e, se no mês seguinte não melhorar, não poderá

mais freqüentar o centro. Só vai ser permitido o seu retorno quando o rendimento escolar voltar ao normal. Estamos entendidos?

Ansiosos para se livrar do discurso, os alunos gritaram que sim e começaram a se dispersar.

— Ei, ei! Aonde vocês vão? Eu ainda não terminei.

Um aaahhh de decepção se ouviu, enquanto dona Ivete continuava:

— Quero renovar meu apelo aos pais, para que dêem sua ajuda. Pois, sem ela, este projeto não terá vida longa. Espero que cada um, dentro das suas possibilidades, colabore. Pode ser em dinheiro ou em trabalho, nos mutirões. Obrigada.

Quando os garotos e as garotas já iniciavam outra tentativa de dispersão, o dr. Egberto pediu que esperassem. Novos murmúrios de desaprovação se ouviram:

— Ah, essa não.

— Eu não acredito.

— Mais discurso?

Mas ele foi breve:

— Os novos sócios estão convidados a assistir a algumas provas de atletismo. Vamos lá?

Sua proposta foi recebida com aplausos e, correndo e gritando de entusiasmo, a garotada foi até a pista.

7. Mais ajuda ainda?

Enquanto João Marcos e Cássia corriam com os outros garotos e garotas para pegar um bom lugar perto da pista, Pascoal foi caminhando devagar para lá, acompanhado por dona Ivete.

— E então, seu Pascoal? Como vai o mercadinho?

— Vai bem, obrigado. Faz tempo que a senhora não aparece, hem?

— É que o dinheiro anda curto. O senhor está gostando do bairro?

— Estou, sim.

— E sua senhora?

— Ela... não está gostando muito, não. Acho que ainda vai precisar de um tempo para se adaptar.

— Que pena. Eu estava pensando em pedir a colaboração dela no projeto que mantenho para ajudar as pessoas lá da favela. Depois, quero falar com o senhor sobre isso.

— Pelo menos por enquanto, acho melhor não contar com ela, dona Ivete.

— Paciência. Vamos esperar, então. Mas o senhor pode me ajudar no projeto lá da favela e também aqui.

— Eu já me comprometi a dar uma contribuição mensal para o departamento de tênis. O João Marcos, meu filho, vai...

— Eu sei — interrompeu dona Ivete. — Só que estou pensando em explorar um pouco mais a sua generosidade. O dono da farmácia, o seu Altair, ia patrocinar a parte de atletismo, mas ontem ele me disse que os negócios vão mal e ele não vai poder colaborar.

Pascoal coçou a cabeça, indeciso. Se Marta já estava contrariada por causa do dinheiro que ele tinha prometido para o departamento de tênis, como ela ia ficar se ele aceitasse dar ainda mais dinheiro para o que ela chamava de "aquela porcaria"?

Estava pensando na melhor maneira de recusar qualquer outro auxílio, quando dona Ivete explicou:

— Não vai ser ajuda, vai ser patrocínio.

— Qual é a diferença?

— A diferença é que o senhor vai poder colocar propaganda nos uniformes dos atletas. O que o senhor acha?

— Não sei. Eu sou louco por esporte, mas... A senhora me dá um prazo?

— Dou. Daqui a dez minutos a gente volta a conversar
— disse dona Ivete, rindo.

8. Eu conheço aquele ali

Quando Pascoal e dona Ivete chegaram à pista, estava começando uma corrida de duzentos metros. Uma japonesinha tinha disparado na ponta e parecia que só uma ruivinha poderia alcançá-la. Então, faltando uns cinqüenta metros para a chegada, uma mulatinha muito magra de cabelo raspado apertou o ritmo, foi ganhando espaço e, quase na linha de chegada, passou a ruiva e a japonesa, debaixo de palmas e gritos. Com os braços erguidos, ela comemorou a vitória, berrando:

— Eu sou f...!

Com os olhos parados na cena, Pascoal exclamou:

— Ei, eu conheço aquele ali!

E dona Ivete, ao mesmo tempo, disse:

— Essa garota tem uma boca suja... É a mais mal-educada da escola. Mas me disseram que é uma atleta e tanto. Ela mora lá na favela. Já está competindo aqui pelo centro há um ano e ganha quase todas as corridas. A fibra dessa menina é uma coisa fora do comum. O professor de atletismo acha que ela tem muito futuro.

— Ela??? — perguntou Pascoal, espantado.

— É. Qual é a dúvida?

— Eu pensei que fosse um menino — respondeu Pascoal, reconhecendo a garota. Tinha sido ela que havia furtado os dois pacotes de biscoito no mercadinho, um mês antes.

— Menino? — riu dona Ivete. — Pode até parecer, com aquela carequinha. Mas não é. Vamos até lá, que eu preciso dar uma bronca nessa capetinha. Ela precisa aprender a não ficar falando palavrões por aí.

Ao ver Pascoal, a menina deu a impressão de que ia começar de novo a correr.

— A gente já se conhece, não é, garota? — Pascoal perguntou.

Ela sorriu, encabulada, e confirmou:



— Ei, eu conheço aquele ali!

— Já, sim, tio.

Dona Ivete olhou para ela e censurou:

— Quantas vezes eu já pedi a você para não falar palavrão, Sueli?

Sueli baixou a cabeça:

— Eu falei hoje?

— Falou. Eu ouvi.

— Desculpe, dona Ivete.

— Eu estou cansada de desculpar. Na próxima vez, você vai ser expulsa do centro e do colégio. Entendeu?

Sueli respondeu, com a voz sumida:

— Entendi.

O dr. Egberto aproximou-se, deu parabéns à garota e começou a conversar com a diretora. Pascoal aproveitou para dizer baixinho a Sueli:

— Sabe que eu roguei uma praga para você ter uma dor de barriga com aqueles dois pacotes de bolacha?

A menina olhou para ele e confessou:

— Foram três, tio.

— Três?! Eu só vi dois.

— Um estava escondido dentro da blusa. O senhor me desculpa?

Pascoal ficou impressionado com a simplicidade dela.

— Está desculpada. Mas...

— É que naquele dia eu estava com uma pu... com uma fome muito grande, sabe, tio? Lá em casa não é fácil. Eu e os meus irmãozinhos às vezes não te...

— Quantos irmãos você tem?

— Seis.

— Seis? Nossa! Seu pai deve dar um duro danado.

— Meu pai? Ele nunca trabalhou. Ele sumiu de casa, o filho da... mãe. Faz tempo. É até bom ele não aparecer. Ele só bate na gente e come a nossa comida.

— E a sua mãe?

— Ela é faxineira e ganha uma m..., uma mixaria.

Pascoal olhou bem para Sueli. Era uma garota muito bonita. Com os cabelos, seria mais ainda.

— Por que você raspou a cabeça?

— Por causa dos piolhos. Acho que eu peguei dos meus irmãozinhos.

Pascoal sentiu uma coceira na cabeça e passou a mão nos cabelos, apavorado. Instintivamente, recuou, afastando-se de Sueli. Depois, censurou-se por isso e também porque havia amaldiçoado a menina por roubar dois pacotinhos de biscoito. Sorrindo, corrigiu mentalmente: três. E ficou pensando que aquele era o legítimo milagre brasileiro: uma menina miserável, sem comida em casa, ganhando uma competição de atletismo.

Quando dona Ivete perguntou se ele já tinha se decidido sobre o patrocínio, ele não vacilou:

— Já. Pode contar comigo.

E só depois perguntou quanto precisaria dar mensalmente. Viu, quase com satisfação, Cássia e João Marcos abraçando Sueli pela vitória.

— Ela é da minha classe, pai — informou João Marcos, com orgulho. — Você viu como ela é rápida? Um foguete. Sabe qual é o apelido dela? Ventania. Sueli Ventania.

Sentada no chão, Sueli tinha tirado os tênis, com uma expressão de alívio:

— Estas m..., estas drogas estão me apertando os pés. O doutor Egberto arranhou pra mim, mas eles não são o meu número.

9. Agora chega, Marta

Na segunda quinzena de maio, o humor de Marta havia passado de mau a péssimo e — o que era pior para ela — estava muito difícil repassá-lo.

João Marcos vibrava com as aulas de tênis, Cássia se empolgava com as de natação e, assim que chegavam da escola e almoçavam, iam para o centro esportivo, deixando a mãe sozinha em casa, sem ter em quem descarregar sua raiva. Pascoal, nos dias em que ia almoçar, comia alguma coisa correndo e logo saía, para não ouvir as queixas da mulher.

Quando soube que, além do dinheiro para o tênis, Pascoal estava dando uma contribuição para o atletismo e colaborando também no projeto de dona Ivete para a favela, ela armou uma briga feia com ele e ficaram dois dias sem trocar uma palavra. Na manhã em que, na hora do café, finalmente se falaram, porque era absolutamente necessário, Pascoal aproveitou e advertiu:

— Marta, eu vou dizer uma coisa importante, muito importante para nós, e quero que você pense bem nisso. Eu vim aqui para o bairro pensando no bem da família. Mas você parece que não quer entender isso. Se você continuar do jeito que está, só me criticando, me censurando, me enchendo a paciência, não vai dar p . Não vai dar p  mesmo.

Marta levantou o rosto lentamente para ele. Sua expressão era de pura surpresa. Em catorze anos de casamento, era a primeira vez que ele usava aquele tom de voz, ao mesmo tempo magoado e ameaçador. Acostumada com a docilidade do marido, ela não acreditou que ele fosse capaz de manter aquele tom. Resolveu pagar para ver. Pondo as mãos na cintura, com ar de desafio, ela perguntou:

— O que deu em você? Você nunca foi assim... Eu, hem? Mais magoado e mais ameaçador, Pascoal respondeu:

— Você por acaso está querendo dizer que eu mudei para pior?

— Estou, sim. Por quê?

— Você pode se orgulhar disso. Foi você que me transformou.

Marta resolveu então fazer a jogada decisiva:

— Sabe o que eu estou achando? Que você arranjou uma mulherzinha por aí e quer me passar para trás. Nós estamos casados faz um século e só agora você começou a ver os meus defeitos?

A resposta de Pascoal foi instantânea. Ele se levantou da mesa e, com um pontapé, jogou a cadeira longe. Depois, foi embora. João Marcos e Cássia, que acompanhavam a cena com os olhos escancarados de espanto, levantaram-se também da mesa, pegaram as mochilas, deram um tchau tímido à mãe e saíram para a rua. Alguns metros à frente, o pai caminhava com passos agressivos, como se em cada um deles estivesse esmagando um inimigo.



— Nossa, a barra tá pesada — comentou João Marcos.

— Põe pesada nisso, maninho. Eu nunca vi o pai desse jeito.

— Se continuar assim, eu não sei, não, mas acho que logo nós vamos ser filhos de pais separados.

— Também não é assim, João.

No resto do caminho até o colégio, para disfarçar a tensão, foram fazendo brincadeiras com aquilo. Se o casamento acabasse, quem ficaria com quem? Iam pesando os prós e os contras de Pascoal e Marta. Quem era melhor nisso, quem era pior naquilo, quem tal coisa, quem tal outra coisa.

10. Um presente para Pascoal

Naquela manhã, assim que viram o patrão, os empregados do mercadinho sentiram que ele estava com algum problema muito sério. Matias, que era o mais extrovertido dos três, até contou um caso engraçado, mas notou que o riso de Pascoal foi chocho, mais de educação que de prazer. Era provável que nem tivesse ouvido a história.

Raimundo tentou puxar um dos assuntos preferidos de Pascoal — o futebol —, mas também não teve sucesso. O patrão não estava para escanteios, pênaltis ou bolas na trave.

Lucélia, que era a menos faladora de todos, procurou falar ainda menos quando viu a cara fechada de Pascoal.

Sentado no seu pequeno escritório, ele recordava a discussão de minutos antes com a mulher e tentava se acalmar. Não entendia como podia ter perdido a cabeça daquele jeito. Levantar a voz já era uma coisa que ele não costumava fazer. Mas isso ainda era possível admitir. O inaceitável era ter dado aquele chute na cadeira. Se Marta não tivesse calado a boca depois daquilo, o que poderia acontecer?

Prometendo a si mesmo que nunca mais perderia o controle, ele ajustou melhor a posição da foto familiar em cima da mesa e fixou os olhos na mulher.

— Ah, Marta, por que você mudou tanto? — murmurou.

Passou a manhã assim, comparando a antiga Marta, alegre e amorosa, com a nova Marta, ranzinza e briguenta. E tudo só por causa daquela cisma dela com o Jardim Itapetininga. Ou será que estava acontecendo alguma outra coisa, que ela não queria contar?

Um pouco depois das onze e meia, finalmente seu sorriso se abriu, pela primeira vez naquele dia. Estava ajudando Matias a melhorar a aparência da prateleira de biscoitos, quando sentiu dois dedos tímidos no ombro. Virou-se e podia imaginar tudo, menos ver quem estava ali.

— Sueli! — exclamou, com os braços abertos, e instantaneamente sentiu a diferença entre aquela disposição

de abraçar a garota e a vontade que tinha tido, um mês antes, de agarrá-la e levá-la ao juizado de menores, para que jamais se atrevesse a roubar nada de ninguém.

— Tio — perguntou ela —, quanto é aquela bolacha ali?

Pascoal pegou o pacote indicado por ela e informou o preço.

— Eu vou levar — disse ela, abrindo a mão direita e exibindo uma nota amassada. — Eu não vou roubar, não, tio. Não precisa se preocupar.

Ele ficou sem ação. A miséria da menina o incomodava. Ele tinha passado privações quase a vida toda e sabia como era angustiante ser encarado como ladrão diante de cada vitrine, de cada balcão, de cada loja.

Já comovido, colocou mais dois pacotes de biscoito nas mãos de Sueli e ofereceu:

— Leve para os seus irmãos. Não precisa pagar.

Mas ela repôs os dois pacotes na prateleira:

— Vou levar só este aqui. E vou pagar, tio.

— Você é quem sabe — concordou ele, contrariado, acompanhando Sueli até a caixa. Receava que Lucélia, lembrando-se dela, a maltratasse. Mas Lucélia não disse nada. Não devia ter reconhecido Sueli. Ela estava mais limpa do que na manhã do furto e seus cabelos tinham crescido um pouco. Parecia uma garota agora, não um pivete.

Ela pagou e deu três ou quatro passos para fora do mercadinho. Aí, parou. Disse tchau, mas continuou parada. Pascoal parou também. Ela estava como se quisesse contar alguma coisa mas não tivesse coragem.

— Tio — ela disse, finalmente —, eu vou mostrar um negócio pra você. Posso?

Ele fez que sim, com a cabeça, enquanto ela se ajoelhava e começava a abrir a mochila. Depois de mexer e remexer, tirou dela um caderno e se pôs a folheá-lo, nervosa. Quando achou o que procurava, levantou-se e, toda sem jeito, estendeu-lhe o caderno.

A surpresa de Pascoal foi grande. Diante de seus olhos estava um desenho que representava o mercadinho. Tudo

tinha sido reproduzido com traços simples, mas perfeitos: os detalhes, as proporções, as cores. Estava tão bom que parecia uma foto.

— Gostou, tio? — Sueli perguntou, notando a satisfação no rosto dele.

— Está ótimo. Você desenha muito bem, sabia?

Ela suspirou e, tomando o caderno da mão de Pascoal, arrancou a folha com o desenho.

— Pode ficar com ele, tio.

— Para mim? — perguntou ele, segurando a folha, querendo dizer mais alguma coisa, mas sem saber como. Estava emocionado.

Quando gritou obrigado, Sueli já havia atravessado a rua e estava correndo, como na primeira manhã em que ele a tinha visto.

11. Guerra ou paz?

No almoço, o ambiente ainda estava pesado na casa de Pascoal. Ele e Marta não haviam falado um com o outro, embora ela não parecesse estar tão amarga e tivesse até, como primeiro passo para a reconciliação, feito uma macarronada do jeito que Pascoal apreciava: com bastante molho e carne.

Cássia e João Marcos, com medo de reavivar o mau humor da mãe, seguravam-se para não falar nada da escola nem do centro esportivo. Mas, num momento de distração, João Marcos perguntou:

— Gostou do desenho, pai?

Sob o olhar de censura da irmã, ele viu a surpresa no rosto do pai.

— Do desenho? Gostei. Como é que você sabe dele?

Cássia riu.

— Ele ajudou a Sueli a fazer, pai.

Marta olhava para os três, sem entender nada. Pascoal enfiou então a mão no bolso da camisa e puxou a folha de papel. Desdobrou-a e a estendeu à mulher.

— Bonito — disse ela, sem entusiasmo, logo devolvendo o desenho.

Pascoal imaginou o que ela diria se soubesse quem havia desenhado aquilo. Mas já havia resolvido, desde quando tinha descoberto que o pivete ladrão era Sueli, que não contaria nada a ninguém. Felicitava-se agora pela decisão. João Marcos e Cássia pareciam gostar muito da menina.

— O João desenhou as pessoas e o caminhão de entrega do leite, pai. A Sueli não estava conseguindo.

— Eu só dei uma mãozinha, pai. Ela desenha muito bem.

— Quem é essa Sueli? — quis saber Marta.

— É uma garota da minha classe, mãe. Ela é...

— Ela é a namorada dele, mãe.

A cara de João Marcos ficou imediatamente incendiada e, esticando o braço, ele deu um empurrão em Cássia.

— Ai, seu... Por que você fez isso?

— Porque você é mentirosa.

— Mentirosa, é? Quem é que estava beijando a Sueli hoje no pátio? Era eu, por acaso? Ai, pára.

João Marcos tinha dado outro tapa na irmã e ameaçava dar outros, muitos, quando Pascoal se pôs no meio dos dois.

— Ei, ei, o que é isto? Calma, calma.

Depois de separar os filhos, Pascoal espantou-se ao ouvir a mulher dizer, com bom humor:

— Quer dizer, então, que vamos ter uma artista na família?

— É, mãe. A Pabla Picassa — zombou Cássia, encarando desafiadoramente o irmão.

Para Pascoal, foi um alívio ver Marta sorrir de novo. Talvez agora eles pudessem começar a se entender como antes.

Todos tinham acabado de almoçar e, enquanto João Marcos e Cássia continuavam a briga na sala, Pascoal disse a Marta, para quebrar o gelo:

— Acho que vamos precisar arranjar umas luvas de boxe e dar para aqueles dois.

— Luvas de boxe? Acho que nós vamos é comprar uma metralhadora para cada um, isto sim.

Pascoal riu. A trégua estava estabelecida. Os dois beijaram-se, então, como nos bons tempos.

— Eu fui ao doutor Nogueira — ela disse.

— Ah, é? Eu não estava sabendo que você ia lá.

— Eu ia só na semana que vem. Mas, quando liguei para marcar a consulta, a secretária dele avisou que tinha um horário vago e eu resolvi ir hoje mesmo.

— E o que o doutor disse?

— Ele acha que eu devo ir a um endocrinologista. Eu contei que ando nervosa, que vivo brigando com você e com as crianças, e ele disse que pode ser a tiróide desregulada. Eu até já marquei consulta com o endocrinologista. Vai ser na semana que vem.

Depois de muita briga na sala, João Marcos e Cássia fizeram as pazes e foram para a cozinha. Lá, chegaram a tempo de ver que ali também tudo tinha voltado ao normal. Marta e Pascoal estavam abraçadinhos, como dois namorados.

A mãe estava tão risonha que João Marcos esqueceu como ela odiava o centro esportivo.

— Hoje vou arrasar no tênis — ele anunciou, saltando como louco e fingindo dar raquetadas com a esquerda e com a direita.

— E eu vou dar um *show* na água — proclamou Cássia, fazendo de conta que ia se atirar numa piscina.



12. Mãe até debaixo de água

Enquanto João Marcos e Cássia se preparavam para ir ao centro esportivo, o céu de repente escureceu e uma chuva pesada começou a cair. Relâmpagos faiscavam, uma trovoadá longínqua foi se aproximando e o vento parecia disposto a arrancar o telhado das casas.

— Minha Santa Bárbara — exclamou Marta quando um trovão ribombou mais perto.

— Este eu acho que explodiu aí na esquina — calculou João Marcos, tentando não mostrar medo.

— Ainda bem que o papai já deve estar no mercadinho — disse a irmã.

— Ainda bem — repetiu Marta, fechando um pouco os olhos porque mais um relâmpago acabava de iluminar a sala. — Se continuar assim, acho que vocês não vão poder sair.

Os dois irmãos se olharam com preocupação. Era naquilo mesmo que estavam pensando. Seria uma loucura tentarem ir para o centro esportivo debaixo daquele temporal. Não ia haver capa nem guarda-chuva que aguentasse. O caminho não era longo — um quilômetro, no máximo —, mas por ali não passava ônibus. Só podiam ir mesmo a pé, como faziam todos os dias, ou...

A ideia de que, debaixo daquela tempestade, a mãe pudesse levá-los de carro para o centro esportivo que ela odiava tanto era tão fora de propósito, tão absurda, que os dois estranharam ao ouvi-la dizer:

— Pelo visto, eu vou precisar dar uma de motorista.

Mesmo quando ela apanhou a chave do carro de Pascoal, os irmãos não estavam acreditando. A transformação da mãe, rápida demais, parecia coisa de filminho de terceira categoria. Além de sacudir o chaveiro, fazendo-o tilintar, Marta precisou dizer:

— Como é? Vocês vêm ou não vêm?

Só aí João e Cássia viram que não estavam sonhando. A mãe ia mesmo levá-los. Apressaram-se em pegar seu material, antes que ela resolvesse esquecer aquela boa vontade.

No caminho, a chuva ficou ainda mais forte, mas nem assim o humor de Marta se alterou. Parecia determinada a olhar o bairro com novos olhos. Ao passarem por uma rua já quase inundada, ela surpreendeu os filhos ao comentar:

— Se fosse lá na Vila Amália, nem de barco nós íamos chegar. Lembram como alagava tudo lá?

Eles lembravam. Mas lembravam também quanto ela havia amaldiçoado o marido ao saber que se mudariam da Vila Amália para o Jardim Itapetininga.

— Jardim Itapetininga?! Jardim Itapetininga?! Jardim Itapetininga?! — havia exclamado ela três vezes, dramaticamente, como se dizer Jardim Itapetininga fosse o mesmo que dizer Parque Inferno ou Vila Desgraça.

E agora, tantos meses mais tarde, ela parecia finalmente disposta a reconhecer que talvez tivesse exagerado no seu desamor ao bairro. No meio do caminho, ela disse — nova surpresa — que qualquer dia gostaria de visitar o centro esportivo.

— Por que você não aproveita hoje, mãe? — empolgou-se Cássia.

— É — apoiou o irmão. — Aproveita, mãe. Com este tempo, alguma garota do vôlei pode faltar e, aí, você chega lá e arrasa. Você não disse que batia um bolão?

— Bolão, eu? Eu era média, só.

— Ah, mãe, entra lá com a gente, vai — insistiu Cássia.

— Hoje não. Com chuva, aquilo deve ser ainda mais feio — cutucou Marta, mas os filhos perceberam que tinha dito isso para brincar com eles.

E parecia estar brincando, ainda, quando olhou para João Marcos e perguntou:

— Que história é essa de namorada? Você vai me contar, mesmo que eu precise lhe dar uns tapas.

— Eu já falei, mãe. É onda desta idiota.

— Onda nada, mãe. É verdade. Logo logo a senhora vai ter um netinho café-com-leite, quer apostar?

Enquanto João Marcos, do banco de trás, puxava sem piedade os cabelos de Cássia, e a irmã tentava revidar com cotoveladas, Marta fez um comentário:

— Quer dizer que a garota é moreninha, é?

— Muito moreninha, mãe — respondeu Cássia. — Ela é chocolate. E você sabe como o seu filho gosta de chocolate...

— Mãe — resolveu contra-atacar João Marcos —, você desconfia quem esta sua filha está paquerando? Um japinha invocado lá da classe dela e da natação, mais feio do que pontapé na barriga.

— É mentira, mãe. Eu não estou paquerando ninguém. E o Jorge não é feio. Ele até que é bem bonitinho.

Quando Marta os deixou na frente do centro esportivo, os dois sorriram. O sol começava a aparecer no meio das nuvens e, pela primeira vez desde que moravam ali, a mãe não parecia preocupada em ficar pondo defeitos no bairro.

13. Aqui, tudo vai mal

Ao chegar à quadra de tênis, João Marcos viu Juca, seu instrutor, tentando eliminar com um rodo as poças que a chuva havia esparramado sobre ela. O cabo do rodo estava quebrado e, para fazer escoar a água, ele precisava permanecer agachado.

— Droga — ele resmungava. — Droga, droga, droga.

— Precisa de ajuda, professor?

— Ô, João Marcos. Tudo bem? Como é que você conseguiu chegar aqui, com aquele dilúvio?

— Minha mãe me trouxe de carro.

— Ah, eu estava esquecendo que o pessoal do tênis é todo riquinho — gracejou o professor. — Quero ver é a turma do atletismo chegar. Lá é tudo morto de fome. Diga uma coisa: a sua irmã não é da natação?

— É, sim.

— Então ela deve ter vindo a nado, para treinar. Acertei?

João Marcos gargalhou:

— Gostei dessa, professor. Grande piada.

— Em vez de ficar aí rindo, por que você não me dá uma mãozinha?

— Se o senhor me arranjar um rodo...

— Só achei este. O Sebastião talvez saiba onde tem outro, mas cadê o Sebastião? Você sabe que ele não gosta de fazer nada para a gente. Ele diz que não tem obrigação. Quando ele foi contratado, não existia departamento de tênis. Olhe, veja se você consegue lidar com isto aqui, enquanto eu vou procurar o Sebastião.

Enquanto João Marcos, sem muito sucesso, tentava deixar a quadra em boas condições e o professor Juca saía à procura de Sebastião, Cássia ajudava sua professora de natação a tirar de dentro da piscina as folhas, os pedaços de galhos e a infinidade de papéis que o vento havia soprado.

Acompanhada por outras alunas e alunos, ela ia recolhendo o que podia e colocava tudo dentro de um grande saco plástico.

— Obrigada, pessoal. Obrigada — agradecia a professora. — Se não fossem vocês, não sei o que eu faria. Eu gostaria muito de saber onde está o Sebastião. Quando a gente mais precisa dele, é sempre assim. Ele some. Ô, vida!

Na pista de atletismo, Sueli, que tinha tomado toda a chuva para chegar lá, estava no meio de uma onda de espirros. Pingando como uma cachoeira, ela olhava com tristeza para o chão, ainda mais encharcado do que ela. Pelo que estava sentindo, não ia haver treino. Não viu nenhum dos seus colegas, o professor Adauto também não havia chegado e Sebastião, que tinha a obrigação de cuidar da pista e ganhava para aquilo, não estava em lugar nenhum.

Ela pensou em ir até o gabinete do dr. Egberto, presidente do centro, mas logo desistiu. Seria o mesmo que entregar Sebastião para o sacrifício, numa bandeja de prata. Ele podia até perder o emprego. E Sueli gostava de Sebastião. Ele morava na favela também, tinha mulher e uma porção de filhos, e seu salário mensal não dava para sustentar a família. Ele fazia tudo que podia para ganhar mais algum dinheiro e, por isso, ficava revoltado com o pai de Sueli, que se orgulhava de nunca ter trabalhado.

— Qualquer hora eu meto o braço nele, Sueli — ele dizia. — Ele é folgado demais. Acha que eu sou otário porque trabalho tanto para ganhar uma mixaria.

Às vezes, quando era atacado pela tristeza, Sebastião ia se sentar embaixo de uma ameixeira que ficava num minibosque no canto mais afastado do centro esportivo. Quase ninguém passava por ali e ele podia acalmar por alguns instantes o sentimento de miséria e de revolta que sufocava seu peito.

— Ele deve estar lá — lembrou-se Sueli e, sob os últimos pingos de chuva, caminhou para o minibosque.

Sua intuição estava certa. Sentado embaixo da ameixeira, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos, Sebastião parecia mais infeliz do que nunca.

— Ô, Sebastião — chamou ela, aproximando-se. — Se você não for lá dar uma força, nós não vamos ter treino. A pista está uma b..., uma porcaria.

Ele levantou a cabeça devagar e olhou para Sueli. Devia ter estado ali durante toda a chuva. Estava molhadíssimo.



— Ô, Sueli. É você? Pensei que era algum daqueles chatos querendo alguma coisa de mim. Hoje eu não estou a fim de nada. Se o doutor Egberto vier me encher o saco, eu largo tudo e vou embora. Esse pessoal só sabe mandar, mandar, mas na hora de pagar o salário todo mundo tira o corpo fora. Você sabe de uma coisa? Faz dois meses que eu não recebo. Disseram que hoje iam pagar tudo, mas eu fui ver lá no banco e não depositaram nem um centavo.

— Mas que gente mais filha da p...

— Pois é. Se eu for lá dar uma dura no doutor Egberto, ele vai pedir para eu manejar. É só o que ele sabe falar. Mas como eu vou manejar, com a minha turma passando fome e os meus filhos sem disposição de ir pra escola? A gente ainda aguenta porque a dona Ivete vai lá em casa de vez em quando e arranja algumas coisas.

— Eu sei como é, Sebastião. Ela também ajuda muito a minha mãe.

— O seu pai ainda não apareceu?

— Apareceu nada.

— Ele é um sem-vergonha mesmo.

— Eu sei, Sebastião. Mas nem me importo mais. A minha mãe é que fica chorando. Eu, não. Quando eu for campeã olímpica, ele vai dizer pros jornalistas que sempre me deu apoio, que sempre me amou. Mas aí eu vou acabar com ele. Vou contar tudo que ele fez pra minha mãe e pros meus irmãos, aquele f...

— Ele merece isso — disse Sebastião, levantando-se e sorrindo. — Eu vou lá ver se dou uma ajeitada na pista. Você não pode ficar sem treinar, Sueli. Você é legal. Eu não gosto muito é daqueles fresquinhos lá do vôlei e do basquete e daquele pessoal novo do tênis. Também não gosto da turminha da natação.

— De quem você gosta, Sebastião? — perguntou Sueli, rindo.

— Eu gosto de você, Sueli. Você vai ser a maior corredora do mundo, eu sei que você vai.

Nesse momento, no seu gabinete, o dr. Egberto tentava pela terceira vez naquela tarde um contato com a prefeitura. Não aguentava mais ouvir as reclamações dos funcionários por causa da falta de pagamento. Tudo acabava caindo nas costas dele, que não tinha culpa de nada e também estava com o salário atrasado. Nas épocas de eleição, o centro ficava sempre lotado de políticos que apareciam para fazer discursos dizendo que ali eram criados os futuros campeões do esporte brasileiro. Mas, assim que surgia a primeira dificuldade, todos sumiam — um estava em reunião, outro estava doente, o terceiro estava viajando — e ficava só ele ali, levando pancadas de todos os lados. De uma coisa ele começava a se convencer. Se dependesse daquele centro esportivo — e dos outros que ele conhecia —, o Brasil não ia formar campeões nunca.

14. Uma visita ao inferno

Depois de consultar o endocrinologista e começar um tratamento, Marta aproximou-se tanto de ser a mulher que era antes de ir morar no Jardim Itapetininga que, um sábado, Pascoal criou coragem e a convidou a visitar com ele a favela do bairro.

— Eu vou lá fazer a visita mensal com o grupo da dona Ivete. Você quer ir comigo?

Para ele, foi uma grande surpresa quando ela aceitou.

— Eu vou, sim. Mas por que você não me avisou antes? Não vai ser chato a gente ir assim, de mãos vazias? Será que não dá tempo de fazer nem um bolo de fubá?

Pascoal a abraçou, feliz, e brincou:

— Se você for matar a fome daquela gente com bolo de fubá, vai precisar fazer um do tamanho do Maracanã. Pode ficar tranquila, que tudo que foi possível a dona Ivete já recolheu. Eu dei a nossa parte. Uma perua grande já levou as coisas ontem. Hoje nós vamos mais para conversar com o pessoal, sabe como é? Dar apoio moral, ver o que eles mais precisam para a próxima vez.

— E não é perigoso ir lá? — perguntou Marta, lembrando de repente que estava no Jardim Itapetininga.

— Eu já fui lá duas vezes e parece que sobrevivi — gracejou Pascoal.

— Eu posso ir com vocês? — quis saber João Marcos.

— E eu? — ofereceu-se também Cássia.

— Não. Vocês ficam — determinou Pascoal, recebendo como recompensa um sorriso aliviado de Marta.

Os dois insistiram um pouco, mas acabaram se conformando. Precisaríamos arranjar outra distração para aquela manhã sem escola. À tarde, ele com suas raquetadas de aprendiz, ela com suas braçadas de principiante, iam participar de um campeonato interno no centro esportivo.

Marta e Pascoal encontraram-se com dona Ivete e mais um grupo de cinco ou seis pessoas perto da escola e foram andando até a favela, que ficava a dois quilômetros dali.

À medida que se aproximavam do amontoado de casas de madeira e papelão, Marta foi sentindo uma tensão que nunca havia imaginado quando passava por lá de carro. De longe, nada parecia tão impressionante quanto era de perto.

O primeiro impacto era o cheiro agressivo do esgoto correndo entre os barracos. Depois, a pobreza das roupas penduradas em varais improvisados. Por último, a miséria e a desesperança nos rostos que, desconfiados, apareciam em uma porta ou outra e logo desapareciam. Sem recursos para ampliar o projeto, dona Ivete por enquanto estava ajudando só as famílias dos alunos da escola.

Começando a entrar naquele mundo de madeira e papelão, Marta teve a impressão de estar se enfiando em um labirinto. Nem de bicicleta seria possível circular por ali. Tudo era estreito, sinuoso, enredado.

Dona Ivete, que vinha conversando com ela para explicar como funcionava o esquema de ajuda, perguntou:

— A senhora fazia idéia de como era isto aqui, dona Marta?

— Parece bem pior do que eu imaginava.

— É verdade. A primeira vez que entrei aqui eu jurei que nunca mais. Mas já estou no projeto há quase dois anos. Deus me dá força.

— Já não bastam os seus problemas na escola?

— Sabe o que é? Logo no meu primeiro mês como diretora, eu descobri que os problemas de lá e os de cá estão ligados. Muitos dos meus alunos moram aqui. Talvez cinquenta por cento.

— Tantos assim?

— É. E os outros cinquenta por cento moram em lugares só um pouquinho melhores.

— É mesmo? Nossa! — admirou-se Marta, sentindo renascer um pouco da aversão que tinha ao bairro, apesar de todo o esforço para vencer aquilo. Seu estômago estava embrulhado com o cheiro de esgoto e ela precisou lutar ao

mesmo tempo contra a vontade de chorar e a ânsia de vomitar todo o café da manhã. Nesse momento, quase teve raiva outra vez do marido e receou que nenhum tratamento médico poderia fazê-la mudar sua opinião sobre o Jardim Itapetininga, a favela e as pessoas que moravam ali. Tudo se resumia em uma palavra. Aquilo era o inferno. E ela se encontrava bem no centro dele.

Estava pensando em escapar dali, antes que o cheiro pestilento a fizesse desmaiar, quando se viu diante de um barraco que parecia ainda mais sórdido que os outros. Na frente dele, havia uma mulata forte, de uns trinta anos, e uma escadinha de crianças. O mais baixo era um menino de uns três anos, de rosto assustado, e a mais alta era uma garota surpreendentemente bonita, de olhos grandes e cabelos curtos.

— Esta é a dona Cleide — disse dona Ivete a Marta.

— Vamos entrar? — convidou a mulher, enquanto a garota alta abraçava Pascoal.

— Não, obrigada — agradeceu dona Ivete, sorrindo. — É muita gente para pouca casa... Nós só viemos dar um alô. Seu marido voltou?

A mulher fez que não, balançando desconsoladamente a cabeça e olhando com simpatia para Marta, que acompanhava a animada conversa de Pascoal com a garota.



Tudo se resumia em uma palavra. Aquilo era o inferno.

15. Uma garota de fibra

Vendo o interesse com que Marta olhava para Sueli, Pascoal explicou:

— Esta é a Sueli, a menina que desenhou o mercadinho. Lembra do desenho, Marta?

Marta recordou a manhã em que Pascoal havia mostrado o desenho e lembrou-se também da briga de João Marcos com a irmã depois de Cássia dizer que a autora dos rabiscos era namorada dele.

Olhou bem para a garota e, apesar de reconhecer sua beleza, intimamente pediu a Deus que o namorico denunciado pela filha não passasse daquilo: um namorico. Uma nora saída da favela não fazia parte dos seus sonhos. Pascoal, aquele coração de manteiga, podia achar a idéia fascinante; ela, não. Alguém precisava ter juízo na família.

Logo notou, com inquietação, que a garota, além de bonita, era simpática.

— Como vai a senhora? — cumprimentou Sueli, com um sorriso irresistível e os braços prontos para o abraço.

Abraçada e beijada, Marta retribuiu os beijinhos e o abraço, sentindo que se um dia precisasse lutar contra a garota não seria uma luta fácil. Ela passava uma sensação de força muito grande.

— Quantos anos você tem? — perguntou Marta, calculando que ela já devia ter quinze.

— Treze — respondeu Sueli, fazendo Marta imaginar como era possível, passando fome e vivendo ali, naquele barraco miserável, ela ser forte e segura como parecia ser.

Como se tivesse adivinhado o que ela estava pensando, a mãe de Sueli aconselhou:

— Cuidado com ela, dona. Essa menina é muito saidinha. Se a senhora der trela, ela não desgruda mais do seu pé. Ela é que nem o meu marido, o Róbson. Confiada demais.

Ouvindo isso, dona Ivete entrou na conversa:

— Por falar no seu marido, alguma notícia dele?

— A mulher do Sebastião, a dona Mirtes, disse que viu o Róbson outro dia.

— É?

— É. Ela trabalha num hospital lá pros lados da Vila Cíntia. A senhora sabe onde é, dona Ivete?

— É na Zona Leste, não é?

— É. Ela disse que viu o Róbson lá, com uma loirona esquisita.

— Mas que homem sem caráter!

— É o jeito dele. Ele sempre foi assim. Não pode ver uma mulher, que vai atrás com tudo. Ele é danado.

Dona Ivete balançou a cabeça, indignada:

— Parece até que a senhora está defendendo aquele malandro, dona Cleide.

— Ele não faz por mal. Ele é meio molecão, meio...

— Ele é um grande filho da... mãe, isso é que ele é — interrompeu Sueli.

— Menina, não fale assim do seu pai.

— Falo, sim. Ele não vale nada. Se ele está com a tal loirona, só pode ser pra explorar a coitada.

— Explorar? Não ligue para o que ela diz, dona Ivete. Sabe onde a mulher do Sebastião viu o Róbson entrando com a loira?

— Onde foi?

— Na favela que tem lá na Vila Cíntia. Agora a senhora me explique. Como ele vai explorar uma dona que mora numa favela?

— Ele não explora a senhora, por acaso? — gritou Sueli. — E não passa a mão no dinheiro da nossa comida pra comprar pinga e cigarro?

Pascoal olhou para Marta, como se dissesse: está vendo só como esse pessoal é infeliz e precisa de ajuda? Ela olhou para ele com vontade de dizer: você já imaginou seu filho com um sogro como esse?

Enquanto isso, com medo de que a conversa se tornasse ainda mais pesada, dona Cleide pediu aos seis irmãos de Sueli que fossem dar uma volta. Sueli se revoltou:

— Até parece que eles não conhecem aquele... Não acabou a frase. A mãe lhe deu um empurrão e as duas se encararam como duas feras prontas para o bote. Ficaram assim alguns instantes. Depois, uma abraçou a outra. As duas estavam chorando.

Pascoal olhou de novo para Marta.

— É triste isto, não é? — perguntou baixinho.

A tosca porta desencostada deixava ver o interior do barraco. Não havia divisão nenhuma ali. Não era possível distinguir nada além de um amontoado de caixotes, latas e folhas de jornal. Eles eram a mesa, as cadeiras, os colchões, as camas. Aqueles vinte e poucos metros quadrados eram a sala, os quartos, a cozinha, tudo. Marta pensou se haveria ali um canto que servisse como banheiro. Além do nojo, começou a sentir uma pena imensa. Encostou o rosto no ombro de Pascoal e sussurrou:

— Pobre gente.

Nesse momento, Sueli aproximou-se dos dois, sorriu para Marta, tocou o braço de Pascoal e disse:

— Posso pedir uma coisa, tio?

— O que é?

— Eu ouvi dizer que o senhor vai mandar fazer umas faixinhas de propaganda do mercadinho pra pregar nas camisetas do atletismo.

— Vou, sim.

— Será que eu podia fazer isso?

— Você?

— É. No ano passado, eu pintei uns números pras camisas da turma do vôlei lá da escola e todo mundo achou que eles ficaram bons.

— Você não precisa se incomodar. Eu estou pensando em dar o serviço para um rapaz que me indicaram. Eu até já falei com ele.

— Sabe o que é, tio? É que a gente está precisando de dinheiro e...

— Tudo bem, Sueli. Não precisa dizer mais nada. O serviço é seu. Eu pago o mesmo que eu ia pagar ao rapaz, está bom assim?

— Legal, tio. Obrigada.

Enquanto Sueli agradecia com um beijo, Marta confirmou sua impressão: aquela menina tinha fibra e dificilmente deixaria de conseguir tudo o que quisesse.



16. Não nasci para ser santa

No caminho de volta para casa, Marta não conseguia se livrar das imagens que tinha visto na favela. Puxava o ar com força para dentro do peito, mas o cheiro intenso de esgoto continuava em suas narinas.

Estava ansiosa para chegar, tomar um banho e trocar toda a roupa. Ia precisar também de uma boa xícara de chá para desembrulhar o estômago, antes de começar a lidar com o almoço. Pensar em comida — qualquer uma, até um arrozinho — realimentava sua náusea.

O grupo foi se dispersando. Pascoal ficou no mercadinho, onde o movimento já estava grande, e Marta desfrutou o alívio de poder caminhar um pouco sozinha.

Sentia-se mal. Tinha nascido pobre, crescido pobre e, contrariando os sonhos dourados da adolescência, casado com um homem pobre.

Agora, depois de catorze anos de um casamento em que ela havia trabalhado como uma louca, fazendo mil coisas para ajudar o marido a pagar as despesas, Pascoal conseguia finalmente montar um negócio próprio. E o que acontecia? Ele abria o mercadinho num bairro tão miserável que ela acabava se sentindo culpada por ter o pouco que tinha. Por que o governo não cuidava daquela gente? Ela é que precisava estragar assim um sábado pensando naquilo?

Para vencer a vontade de chorar, ela decidiu que, quando a consciência doesse, daria um dinheirinho, um quilo de feijão, uma maçã a quem pedisse. Mas transformar a caridade em obrigação, como queria dona Ivete, já era demais. Isso que ficasse para Pascoal. Ela não tinha vocação para santa.

Quando chegou em casa e abriu a porta da sala, João Marcos e Cássia apareceram, curiosos.

— Como é que foi lá, mãe? — quis saber Cássia.

— Você viu algum bandido? — brincou João, fingindo apontar um revólver para ela.

Marta tirou os sapatos e foi andando para o banheiro:

— Não tem graça nenhuma. Depois eu falo. Primeiro eu vou tomar um banho.

Os filhos estranharam:

— Outro?

Assim que saiu do chuveiro, ela foi cercada de novo pelos dois.

— Mãe, lá é muito feio? — perguntou João Marcos.

Antes de responder, ela ouviu outra pergunta, de Cássia:

— Sabe o que ele quer saber, mãe? É se você viu a casa da namorada dele.

Enquanto os filhos trocavam olhares cheios de ameaças, Marta contou o que tinha visto. Tentou não ser dramática, mas não conseguiu. Os filhos perceberam que estava muito impressionada e começaram a ter pena dela. Mas queixaram-se quando ela anunciou o que ia fazer para o almoço:

— Miojo, mãe?

— Que furada, hem?

Ela se justificou:

— Eu não tenho condições de fazer outra coisa. Estou com um enjôo que não é brincadeira.

— Isso não é comida para um tenista — protestou João Marcos.

— Nem para uma nadadora — criticou Cássia.

Mas comeram todo o miojo, depois avançaram num pudim que havia na geladeira e foram embora, confiantes. Dali a pouco, estariam participando de provas que escolheriam os representantes do centro esportivo para uma competição com outros centros da prefeitura.

17. Só vale vencer

João Marcos e Cássia nunca tinham visto o centro esportivo tão agitado. O futebol de salão, o vôlei, o basquete, o atletismo, o tênis e a natação viviam um grande dia. Cada atleta de cada esporte esperava se superar nas seletivas para conseguir um lugar na equipe do centro.

— Este vai ser o primeiro passo para o surgimento de uma geração de campeões no Brasil — anunciou o dr. Egberto.

Alguns minutos antes, ele tinha recebido no seu gabinete os professores e os outros funcionários, todos exigindo o pagamento dos salários atrasados. Estavam zangados. Como é que ia ficar aquilo?

— Calma, gente. Eu também estou sem receber e tenho família, como vocês — havia respondido ele, dramaticamente.

Um dos professores, falando em nome de todos, tinha ameaçado começar uma greve naquela hora mesmo, o que deixou o dr. Egberto apavorado.

— Por favor, pessoal — ele implorou. — Vocês não vão querer decepcionar toda essa garotada.

— O senhor é que está decepcionando a gente. Por que o senhor não paga o que deve?

— Eu já expliquei que não tenho culpa. Eu também não recebi. Vamos fazer uma coisa. Segunda-feira, se não sair o pagamento, vocês fazem o que resolverem.

Depois de muitos debates, propostas e contrapropostas, a maioria decidiu esperar até segunda-feira. Aliviado, o dr. Egberto agradeceu e disse:

— Vocês tomaram a decisão certa. No dia em que um dos nossos atletas aqui do centro ganhar uma medalha de ouro numa Olimpíada, vocês vão sentir um orgulho que vai compensar tudo.

Ouviu-se, então, uma voz no fundo do gabinete:

— Orgulho não enche a barriga, doutor.

Era Sebastião.

Resolvido o problema, iniciaram-se os preparativos para as provas e em todos os cantos explodiu uma algazarra incontrolável.

Na quadra de tênis, João Marcos já estava pronto para enfrentar seu primeiro adversário. Se ganhasse dele, numa partida de apenas um *set*, continuaria na luta pela vaga, que era só uma. Antes de autorizar o primeiro saque, o professor Juca desejou boa sorte aos seus dois alunos e brincou:

— Que perca o pior.

Em volta da piscina, Cássia esperava o instante de pular na água e disputar com quatro coleguinhas a prova dos cem metros, nado de costas, sua especialidade. Quando ela dizia isso, que o nado de costas era sua especialidade, provocava risos no irmão, que zombava:

— Maninha, se você não se afogar, já vai ser um bruta lucro.

E Cássia dava o troco ridicularizando a fitinha que ele insistia em pôr na testa quando ia para as aulas de tênis:

— Se você usa isso pra não deixar escapar o cérebro, é um desperdício. Você não tem cérebro...

Ao se lembrar disso, ela deixou de lado por alguns instantes a tensão e conseguiu até sorrir ao ver Jorge. Ele ia competir na prova dos cem metros, nado de peito, mas não parecia nem um pouco preocupado. Era um dos alunos mais antigos da natação e todos diziam que era o favorito.

— E aí, gatinha? — ele perguntou. — Vai detonar?

— Não sei, não.

— Se você ganhar, tem direito a um prêmio meu.

— Ah, é? E qual é esse prêmio, eu posso saber?

— Um beijo bem gostoso.

— E quem disse que isso é um prêmio, seu convencido?

Enquanto os dois irmãos aguardavam o momento de mostrar o que valiam, da pista de atletismo vinham gritos de entusiasmo. Sueli, que já havia vencido a corrida de cem metros, acabava de ganhar também a de duzentos.



— Ela é um rojão, doutor Egberto — disse Aduino, o professor de atletismo. — Logo vai vir um grande clube aqui atrás dela, eu tenho certeza. Nós não temos mais nada para oferecer a essa menina. Com uma pista melhor, um técnico experiente e boa alimentação, ela pode ir longe. Muito longe mesmo. Ela tem a raça das grandes campeãs. O senhor lembra aquela vez que ela perdeu aquela corrida lá na Penha?

— Lembro, sim. Eu fiquei preocupado naquele dia. Nunca tinha visto ninguém chorar daquele jeito.

— A Sueli é assim, doutor. Quando perde, parece que mataram a mãe dela. Fica meia hora soluçando e, se chega alguém querendo ajudar, ela vira uma fera. Tem um gênio terrível. Só está feliz quando ganha. Sabe como ela vem para cá? Correndo. E, quando o treino acaba, vai correndo para casa. Correr está no sangue dela, doutor.

— É assim, é?

— É, doutor. Para o senhor ter idéia, vou contar uma coisa. Um dia eu reclamei, depois de um treino, porque ela correu mal, e ela então mostrou a sola do pé. Estava com um corte deste tamanho. Ela pisou num vidro lá na favela e não queria contar, para não perder o treino. Já ouviu falar de um negócio desses, doutor?

O dr. Egberto teve de se conter para não começar um discurso. Na segunda-feira, quando fosse telefonar para a prefeitura e cobrar o pagamento dos salários, precisava lembrar-se de dizer aquilo: no centro esportivo treinava uma garota — Sueli Ventania — que ia engrandecer o nome do Brasil.

Depois dos abraços e cumprimentos, Sueli foi correndo para a quadra de tênis. Chegou a tempo de ver o último lance de João Marcos no seu jogo: um saque que ele deu na rede, cometendo dupla falta e entregando a partida ao adversário.

Ela tentou consolá-lo, dar-lhe força, dizer que os maiores tenistas do mundo também erravam.

— Mas não como eu — lastimou-se João Marcos.

— Como não? O Guga nunca deu um saque errado?

— Como aquele meu, eu duvido. Foi ridículo demais.

— Um saque errado é um saque errado.

— Mas o meu foi muito errado. Muito. Muito.

Ela necessitou de dez minutos e bastante jeito para arrancar um sorriso dele. Foi só então que João Marcos se lembrou de perguntar:

— E você? Ganhou?

— Ganhei.

— As duas?

— As duas.

Os dois se abraçaram e, de mãos dadas, tomaram o rumo da piscina. Antes de chegar, viram Cássia, que, já com a mochila nas costas, vinha na direção deles.

— Conseguiu? — quis saber João Marcos.

Ela não respondeu. Sua expressão abatida dizia tudo.

— Que chato — disse Sueli. — Na próxima você ganha.

De repente, correndo muito, apareceu diante deles um japonês de calção de banho. Antes que alguém pudesse pronunciar uma palavra, ele abraçou Cássia e lhe deu um beijo estalado no rosto.

— Ei, o que é isso? — ela se surpreendeu.

— É o prêmio que eu prometi, Cá.

— Mas eu não ganhei...

— Não faz mal. Você mereceu — explicou ele, já correndo de volta para a piscina. Estava na hora da prova dos cem metros, nado de peito.

18. Um "s" a mais

Na segunda-feira, às onze e meia da manhã, quando Pascoal estava observando o movimento para decidir se ia ou não almoçar em casa, viu Sueli na porta do mercadinho. Fez um sinal para ela entrar, mas ela fez outro, pedindo que ele esperasse.

Só uns trinta segundos depois, Pascoal entendeu por que Sueli havia pedido um tempo. Ele a viu aplaudindo primeiro um garoto e um pouco depois uma garota, que chegaram correndo e com cara de cansados. O garoto era João Marcos, a garota era Cássia.

Estranhando aquilo, Pascoal perguntou:

— O que aconteceu?

— Nada, tio. Os dois quiseram apostar uma corrida comigo, da escola até aqui, e...

— Ela... — murmurou João Marcos, quase sem fôlego.

—... ganhou — completou Cássia, também esbaforida.

Pascoal olhou para os filhos e riu:

— Foram vocês que desafiaram?

Os dois, ainda sem ar, não disseram nada, mas confessaram que sim, com a cabeça.

— Sabe o que é, pai? — disse João Marcos, ainda respirando com dificuldade. — Depois do meu vexame no tênis, eu estou pensando em fazer outro esporte.

— E você? Também quer virar corredora? — perguntou Pascoal à filha.

— Ela não, pai — antecipou-se João Marcos na resposta. — Ela só sai da água se o Jorge sair junto...

Pascoal colocou-se entre os dois, para evitar problemas, enquanto Sueli abria a mochila e puxava um pacote embrulhado em papel pardo.

— Tio, olhe aqui. Elas já estão prontas. Estendidas sobre a mesa do escritório estavam as faixinhas que seriam

postas na frente das camisetas da equipe de atletismo do centro esportivo.

Sueli tirou uma do monte e a exibiu a Pascoal.

— Eu achei que elas ficaram bonitas, tio. E você?

Ele pegou a faixa e a examinou. Estava bonita mesmo. Sobre o fundo branco, as letras azuis se destacavam, brilhantes: MERCADINHOS PASCOAL.

Pascoal estendeu as mãos, colocou a faixa um pouco mais longe dos olhos, para ver se as letras continuavam brilhando, e foi aí que notou:

— Espere aí, Sueli. Ela está errada.

A garota levou um susto:

— Errada? O quê?

— A faixa — respondeu ele. — Olhe aí. Você escreveu "mercadinhos". E é "mercadinho".

Imediatamente, Sueli enfiou as mãos no pacote de faixas e começou a examinar uma por uma. Aliviada, ela anunciou:

— As outras todas estão certas, tio. Pode ver. Só nessa eu errei.

— Não, pai. Quem errou fui eu — disse João Marcos.

O pai olhou para ele. Que loucura era aquela? João Marcos explicou:

— Essa faixa aí fui eu que fiz.

Sueli protestou, dizendo que não era verdade, mas Cássia confirmou:

— Foi ele, sim, pai. Eu vi. A Sueli estava apavorada, porque ela fez as faixas ontem e ficaram faltando duas. Ela levou o material lá pra escola e, no recreio, ela estava fazendo uma quando o João se ofereceu pra fazer a outra.

— Desculpe, Su. Desculpe, pai. Eu sou um panaca — lastimou-se João Marcos.

— Tudo bem, filho — sorriu Pascoal. — Essa faixa errada pode até dar sorte. Vai ver que logo logo eu vou ter mais de uma loja...

— Eu faço outra, tio — disse Sueli.



— Tudo bem, filho — sorriu Pascoal. — Essa faixa errada pode até dar sorte. Vai ver que logo logo eu vou ter mais de uma loja...

— Não precisa. Pode deixar.

Apesar da tentativa de consolo do pai, João Marcos continuou emburrado por mais algum tempo.

Quando Pascoal foi pegar dinheiro com Lucélia para pagar as faixas, Sueli avisou que não ia cobrar a que estava errada. Ele se zangou:

— O que é isso, menina? Eu vou pagar todas. E pode ficar tranquila, que eu não vou ter prejuízo. Sabe o que eu faço? Eu desconto da mesada dele...

— Valeu, pai — concordou João Marcos, sabendo que era brincadeira.

Pascoal pagou as faixas. Com aquele dinheiro, se ele fizesse uma pesquisa de preços, talvez pudesse mandar fazer camisetas já com a publicidade do mercadinho estampada, sem precisar colar faixa nenhuma. Mas estava satisfeito com as faixas. Sueli tinha caprichado nelas. Ele só tinha uma dúvida: será que era fácil colá-las? Ele não entendia nada daquilo.

Parecendo ler seu pensamento, Sueli disse:

— Elas vão ficar muito legais, tio. Eu prometo. Agora à tarde eu pego as camisetas lá no centro e grudo todas as faixas nelas. No domingo, na competição lá no Parque Juriti, elas já vão estar prontinhas.

Pascoal resolveu almoçar em casa e convidou Sueli para ir com eles. João Marcos e Cássia ajudaram a fazer pressão:

— Vamos, Su.

— É, Su. Vamos.

Mas ela não aceitou:

— Eu não posso. A minha mãe está trabalhando e eu preciso ver como estão os meus irmãozinhos. Três eu vou levar lá pra escolinha dos padres e os menores vão ficar com a vizinha quando eu for treinar.

Antes de se despedir, ela agradeceu a Pascoal:

— Obrigada, tio. Este dinheiro das faixas vai quebrar

um galhão. A minha mãe perdeu uma faxina que ela fazia às terças e quintas.

— É mesmo, Sueli? Que chato.

— É. A mulher falou que o marido foi despedido do emprego e ela não tem mais dinheiro pra pagar faxineira.

De repente, Pascoal teve uma idéia:

— Sueli, eu vou ver se dou um jeito nisso. Quais são mesmo os dias que ela tem livres? Terças e quintas?

— É, tio.

— Vamos fazer o seguinte. Se der certo uma coisa que estou pensando, amanhã eu dou um alô para você.

19. Empregada para quê?

Naquele dia mesmo, Pascoal tentou convencer Marta a aceitar a idéia de ter uma empregada.

— Mas empregada para quê? — foi a reação dela. — Você acha que eu não estou mais dando conta do serviço? Está faltando algum botão na sua camisa?

— Não é nada disso. Eu só queria que você tivesse um descanso. Ontem mesmo você disse que estava com dor de cabeça, lembra?

— Dor de cabeça é uma coisa que eu tenho faz muito tempo. Quando nós casamos, eu já tinha. E nestes catorze anos eu não parei de ter, pelo menos uma vez por mês. Você sabe disso.

— Eu sei. Mas, nestes catorze anos, só agora nós temos dinheiro para pagar uma empregada.

— É verdade. Mas justamente agora eu não preciso de empregada. Você esqueceu que desde o ano passado eu não trabalho mais fora?

— Mas...

— Mas nada. Eu passo uma boa parte do dia sem ter o que fazer. Eu estava até pensando em ir dar uma ajuda a você lá no mercadinho...

— Você lembra daquela frase que nós lemos naquela revista?

— Que frase?

— Era mais ou menos assim: quem não sabe viver como rico não merece ser rico.

Marta encarou Pascoal com desconfiança:

— Você inventou essa frase agora.

— Eu? O que é isso? Está me chamando de mentiroso?

— Se a carapuça serviu... E quem foi que disse que nós somos ricos? Se está sobrando tanto dinheiro assim, a gente podia ir pensando em pôr o João e a Cássia naquele colégio dos irmãos maristas.

— Ah, Marta. Nós já falamos sobre isso, lembra? Os dois se entrosaram tão bem na escola. E o tal colégio fica a dez quilômetros daqui.

— Dez quilômetros? Que exagero! Acho que nem cinco...

Depois de muita conversa, ela aceitou fazer uma experiência. Tentaria aguentar uma faxineira uma vez por semana.

— Já que você vai fazer um teste, Martinha, por que não dois dias? — arriscou Pascoal.

— Dois? Não. É demais. Você sabe como eu sou intolerante. Diga uma coisa. Você está achando a casa suja? — perguntou ela, passando instintivamente a mão em cima da mesa da sala, para sentir se nela havia pó.

— Não, Marta. A casa está sempre limpa. Eu só estou pensando que, se você vai descansar, é melhor descansar dois dias do que só um. Terça e quinta, por exemplo.

— E por que não segunda e quarta, ou quarta e sexta?

— Isso você pode acertar depois com a dona Cleide.

— Dona Cleide? Quem é a dona Cleide?

— É... a faxineira.

— Quer dizer que você até já arranjou a faxineira?

— N... não. Eu ainda preciso falar com ela.

— Você disse dona Cleide?

— Disse.

Marta enrugou a testa e ficou um instante olhando para cima, pensando. De repente, começou:

— Mas a dona Cleide é...

Com medo de que ela explodisse, ele mesmo concluiu:

— ... a mãe da Sueli.

Então, surpreendentemente, em vez do berro que ele esperava, veio uma gargalhada. E, depois da gargalhada, uma frase cordial:

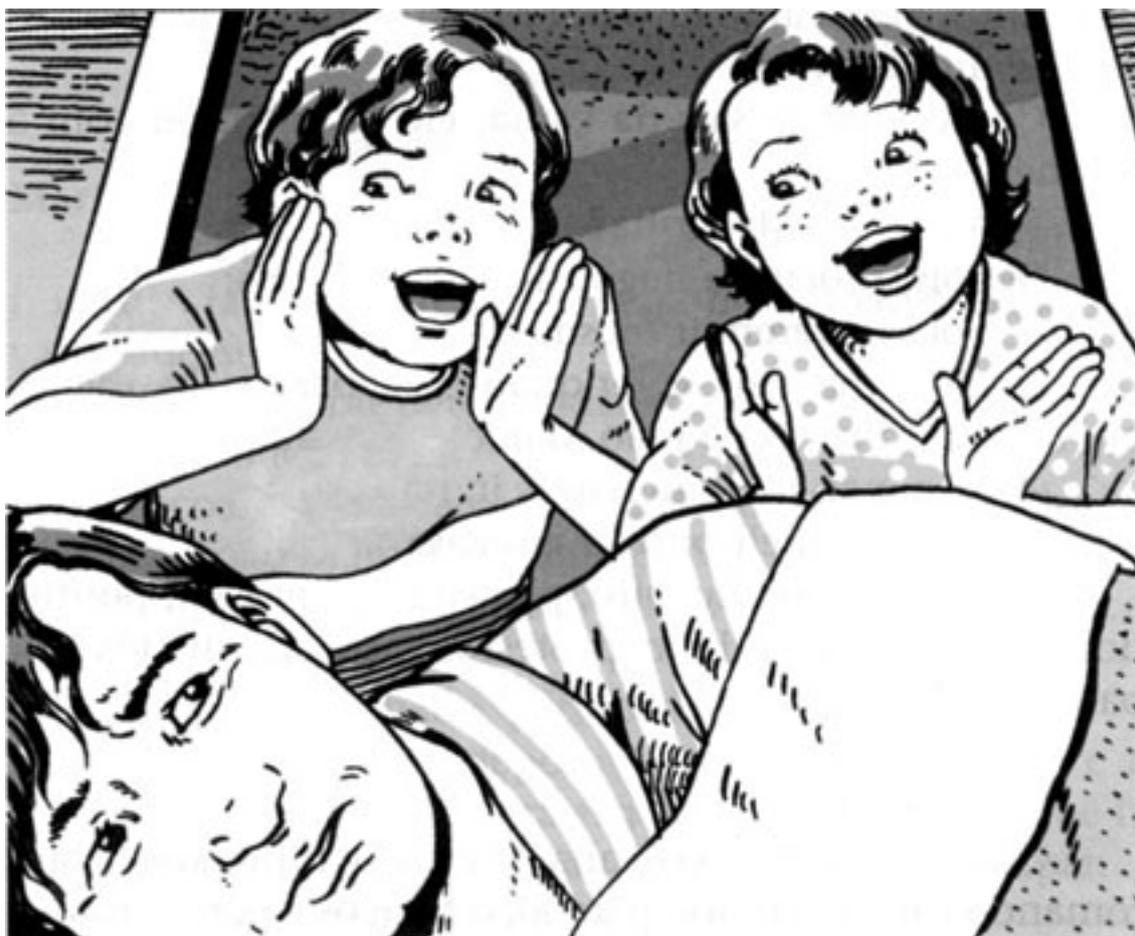
— Eu sou uma burra mesmo. Eu devia ter desconfiado logo que era só mais um dos seus impulsos de generosidade. Santo Pascoal! Pode mandar a dona Cleide vir falar comigo.

Assim, com menos dificuldade do que poderia imaginar, ele conseguiu convencer Marta. E, três dias depois, numa quinta-feira, às sete da manhã, a mãe de Sueli chegava para o seu primeiro dia de trabalho na casa. Pascoal receou que pudesse haver algum problema. Mas, à noite, sem que ele precisasse perguntar, Marta disse que as duas tinham se dado muito bem.

20. Uma pequena vingança

No domingo de manhã, João Marcos e Cássia tiveram oportunidade de se desferrar. Eles, que de segunda a sexta se queixavam quando Pascoal os arrancava da cama logo cedo para irem à escola, puderam dar o troco: às seis e meia, invadiram o quarto do pai e da mãe e, batendo palmas com toda a força, começaram a gritar:

- Levanta, molengão!
- Vai ficar o dia inteiro aí, é?
- Está na hora!



- Vamos, vamos!

Pascoal, que aos domingos não abria o mercadinho e gostava de dormir até as oito, ficou alguns segundos sem

perceber o que estava acontecendo. Ainda atordoado, ergueu um pouco a cabeça e perguntou:

— Que dia é hoje?

— Domingo — responderam ao mesmo tempo os filhos.

Ele sorriu, então, e encostou de novo a cabeça no travesseiro. Aí a gritaria recomeçou e as palmas se tornaram ainda mais fortes:

— Ei, ei, vai dormir outra vez, é?

— Pula já da cama, folgado!

Pascoal olhou para o lado, esperando que Marta tivesse uma das suas explosões de mau humor e o ajudasse a expulsar os invasores. Mas ela estava sorrindo e batendo palmas também. Xingando intimamente o endocrinologista da mulher, por conseguir aquele milagre, ele ainda tentou fingir que tinha recaído no sono, mas o barulho dos filhos, agora ajudados por Marta, seria capaz de acordar até um defunto.

Começando a sair da cama, ele se lastimou com a mulher:

— Até você, Martinha?

Depois, procurou negociar com os filhos:

— Vocês querem ir mesmo?

Levou uma vaia e, enquanto ia para o banheiro, ouviu as zombarias de João Marcos e Cássia:

— Não, pai, não queremos ir, não.

— É muito melhor ficar em casa.

Já debaixo do chuveiro, precisou se apressar, porque do lado de fora vinham protestos, acompanhados por batidas na porta:

— Vai logo!

— Sai logo!

Quando chegou à cozinha, Marta e os filhos já estavam tomando café. Ele olhou para João Marcos e perguntou:

— Que dia é amanhã?

— Dia 5.

— Eu estou perguntando o dia da semana.

— Ô, pai — entrou na conversa Cássia. — Se hoje é domingo, amanhã só pode ser segunda...

— Segunda?! — ele exclamou, como se tivesse recebido uma notícia maravilhosa. — Dia de escola? Então, amanhã vocês dois me pagam. Vocês vão ter um despertar glorioso.

— Ah, pai, isso é revanchismo — denunciou João Marcos, que tinha aprendido a palavra naquela semana.

Pascoal aproveitou para se queixar mais uma vez:

— Ai, que sono. Eu não entendo por que vocês querem ir. Se vocês não vão participar das competições, eu acho que...

— Parado aí, pai. Qual é? Vai começar de novo com essa choradeira? Eu e o João Marcos não vamos participar, mas nós queremos ver as competições e...

— Torcer para a Sueli — disse João Marcos, cheio de animação.

— A que horas começa o campeonato? — perguntou Marta.

— Às oito. E já estamos atrasados. O Parque Juriti fica no outro lado do mundo — respondeu João Marcos, levantando-se da mesa.

— Se vocês me derem cinco minutos, eu vou também — anunciou Marta.

Pascoal e Cássia arregalaram os olhos e ficaram calados. Mas João Marcos recomendou:

— Olha lá, hem, mãe? Cinco minutos! Mas cinco minutos mesmo!

— Está combinado, patrão. Cinco minutos.

Quinze minutos depois, Marta estava pronta, e a família saiu. Já na primeira esquina, João Marcos, que ia no banco de trás com a irmã, cutucou as costas do pai:

— Ô, motorista, dá pra acelerar um pouco?

21. Uma vitória sem brilho

No caminho, sempre que precisava parar em algum farol, Pascoal olhava amorosamente para Marta. Fazia vários dias que não brigavam. Ela parecia estar vencendo o ódio que tinha ao Jardim Itapetininga e às vezes até elogiava uma ou outra coisa do bairro, quando o comparava com os outros lugares em que havia morado.

Já perto do Parque Juriti, depois de observar bem as casas e as ruas pelas quais o carro ia passando, ela comentou:

— Andando por aqui, a gente vê que o Jardim Itapetininga não é tão feio...

Pascoal teve vontade de breicar o carro e lhe dar um abraço como nos do tempo de namoro.

E essa vontade cresceu quando, um pouco adiante, ela perguntou:

— Como é que a Sueli vem para cá?

— O centro arranjou dois ônibus para transportar toda a turma.

— Na volta, a gente podia dar uma carona para ela. É só o João Marcos e a Cássia se apertarem um pouco. O que você acha?

— Eu acho que você é... o máximo — empolgou-se ele.

Assim que chegaram ao centro esportivo onde iam ser realizadas as competições, João Marcos e Cássia foram correndo para a pista de atletismo, deixando os pais para trás.

Passeando um pouco por ali, Marta e Pascoal de repente estavam de mãos dadas e rindo como dois adolescentes.

— Você viu como o descanso está fazendo bem a você?
— ele brincou.

— É verdade. A dona Cleide chegou em muito boa hora
— disse ela, também brincando. — Se não fosse ela...

— Você gostou mesmo dela?

— Desde quinta-feira, esta é a trigésima oitava vez que você pergunta isso. Eu já disse trinta e sete vezes que gostei. Acho que até sei por quê. Como até agora ela só trabalhou um dia lá em casa, eu ainda não tive tempo de ver os defeitos... Mas ela parece uma pessoa honesta, trabalhadora. E fez uma boa limpeza. Mas dizem que no primeiro dia todas as faxineiras são assim... Vamos ver daqui para a frente.

Estavam ainda falando da mãe de Sueli quando João Marcos e Cássia vieram avisar:

— Mãe, pai, está na hora da corrida da Sueli. Vocês não vão ver?

Oito garotas, cada uma representando o centro esportivo de um bairro, estavam prontas para a largada dos cem metros. Acompanhado com inveja pelo olhar do dr. Egberto, o juiz da prova apontou solenemente o revólver para o alto e, quando deu o tiro, as garotas saíram em disparada.

Sueli tomou logo a dianteira e começou a aumentar a diferença para a segunda colocada, uma sardenta compridona de cabelo avermelhado.

Faltando cinquenta metros, a sardenta foi apertada por uma japonesinha de pernas grossas e acelerou o ritmo, para não ser ultrapassada.

As duas se aproximaram de Sueli, que, preocupada, olhou para trás, sentindo a reação das adversárias.

A dez metros da chegada, as três estavam juntas. Então, com o rosto alterado pelo esforço, Sueli deu a arrancada decisiva e rompeu a fita em primeiro lugar.

Enquanto recebia os cumprimentos das outras concorrentes, ela começou a chorar e seu corpo foi sacudido por soluços.

— Nossa, você viu como ela está emocionada? — disse Marta.

— Vi. E não era para ficar? Que vitória! — vibrou Pascoal.



Enquanto recebia os cumprimentos das outras concorrentes, ela começou a chorar e seu corpo foi sacudido por soluços.

O professor Adauto, que estava ao lado deles, parecia não ter a mesma opinião. Abraçado pelo dr. Egberto, que lhe dava parabéns, ele agradeceu, mas comentou, olhando para o cronômetro no pulso:

— Estou estranhando. Ela não correu bem. Levou quase dois segundos a mais do que de costume.

Quando Sueli, acompanhada por João Marcos e Cássia, se aproximou do grupo, o professor perguntou:

— O que aconteceu? Foi o joelho de novo?

Ela disse que não e recomeçou a chorar e soluçar. Sua camiseta estava empapada pelo suor e pelas lágrimas.

Mais aflito do que todos, o professor esforçou-se para acalmá-la e continuou tentando saber o que tinha acontecido, mas ela se recusou a contar. Ainda chorando e soluçando, ela avisou:

— Professor, eu não vou correr os duzentos metros. Não vai dar.

— Mas por quê?

Sueli não respondeu. Despediu-se de todos e disse que ia ficar esperando, em um dos ônibus arranjados pelo centro, a hora de voltar para casa.

Assim que ela se afastou, Marta cochichou para Pascoal:

— Você viu aquilo nos braços dela?

— Não. Nos braços?

— É. Aquelas marcas.

— Não vi, não.

— É esquisito. Será que ela está doente?

João Marcos ainda foi até o ônibus e tentou falar com Sueli, mas ela não quis conversar nem com ele nem com o professor Adauto, que ainda fez uma última tentativa para ver se ela corria os duzentos metros. João saiu calado, mas o professor resmungou: aquela garota enjoada estava parecendo mais Sueli Brisinha do que Sueli Ventania.

A família voltou para casa em silêncio. João Marcos estava emburrado, Cássia curiosa, Pascoal preocupado e Marta indecisa: já gostava um pouco de Sueli, mas ainda

lutava contra esse sentimento e, no fundo, achava ótimo o filho ter só treze anos. Era uma idade em que as convicções não duravam muito.

22. Cadê a Sueli?

Na segunda-feira, na hora do almoço, Pascoal e Marta receberam uma notícia que os deixou inquietos. Voltando da escola, João Marcos e Cássia contaram que Sueli havia faltado.

Nervoso, João Marcos queria ir à casa dela imediatamente e pediu à irmã que fosse com ele.

— Cássia, a poderosa, aceita a missão de defender o irmãozinho dos perigosos marginais — brincou ela, dando alguns golpes de caratê no ar. Mas Marta, embora sua intuição lhe dissesse que alguma coisa não ia bem com Sueli, ficou furiosa com a idéia:

— Vocês enlouqueceram, é?

Pascoal também foi contra:

— Nem pensar. A Sueli deve estar com uma gripe ou qualquer coisa assim. Vocês nunca faltaram à aula, por acaso?

— Mas, pai, você não viu como ela estava ontem? — protestou João Marcos. — É algum problema, eu sei. Ela não é de chorar à toa. Ela só chora quando perde alguma corrida.

Ele ainda insistiu por algum tempo, até Pascoal dizer:

— Vocês não vão ao centro hoje?

— Vamos, pai.

— Então. Vocês vão encontrar a Sueli lá, vocês vão ver.

Esse argumento acalmou João Marcos, mas não por muito tempo. Depois do almoço, sua ansiedade foi crescendo e se tornou tão insuportável que, bem antes da hora em que os filhos costumavam sair para ir ao centro esportivo, Marta pegou a mochila dele e disse:

— Vai, filho, pelo amor de Deus. Vai logo, que eu não aguento mais te ver aí girando, girando, girando que nem pião.

João Marcos não precisou ouvir o convite duas vezes. Pegou a mochila com a raquete dentro e saiu correndo. Cássia, a poderosa, foi atrás.

— Ei! Ei! — toda hora ela precisava gritar. — Você pensa que eu tenho motor, é?

Ele pedia desculpas e desacelerava um pouco o passo, mas logo retomava o ritmo.

Chegaram ao centro meia hora antes do horário habitual. João Marcos deixou a irmã bem para trás e, correndo com mais ímpeto ainda, passou pela piscina, pela quadra de tênis e desceu a escadinha que levava à pista de atletismo.



Ficou ali por alguns instantes, olhando para todos os lados. Depois, decepcionado, subiu a escadinha e foi andando para o lado da piscina.

No meio do caminho, encontrou Cássia, que estava indo ao encontro dele. Com o polegar voltado para baixo, ele expressou seu desapontamento:

— Ela não veio.

— Lógico que não — disse Cássia. — Ninguém veio ainda. Só nós e o porteiro. O que você queria? São duas e quinze ainda.

Meia hora depois, Cássia estava dando os primeiros mergulhos na água e João Marcos, repreendido a cada instante por ficar olhando para tudo em volta, menos para a bola, começava a rebater com má vontade e imprecisão os saques do professor Juca.

— Quer saber de uma coisa, João? — perguntou o professor, depois de uma rebatida ainda mais bisonha do que as outras. — Você é um belo jogador de tênis. Sabe a única coisa que ainda atrapalha um pouco o seu jogo?

— Não. O que é?

— A raquete.

Depois disso, o professor imaginou que o aluno fosse se concentrar mais no treino, mas imaginou errado. Algumas raquetadas mais tarde, ele disse:

— João, você sabe qual é a diferença entre você e o Guga?

— Não, professor.

— É que o Guga joga tênis.

Da piscina, entre um exercício e outro, Cássia notou Sebastião, que estava carregando um saco de bolas para a quadra de vôlei, e perguntou:

— Você viu a Sueli?

Ele balançou a cabeça:

— Acho que ela não veio. A mãe dela me disse de manhã que ela está meio doente.

Cássia fez então um sinal, passando o polegar três vezes pelo dedo médio:

— Recebeu?

— Graças a Deus — ele respondeu, soltando um suspiro de alívio.

Logo em seguida, sorrindo com todos os dentes, o dr. Egberto passou por ali e deu um aceno para a professora de natação. Pelo entusiasmo com que ela retribuiu o cumprimento, Cássia soube que finalmente a promessa de pôr todos os salários em dia tinha sido cumprida.

Enquanto admirava a perfeição das braçadas de um loirinho que vivia elogiando a beleza dela, sentiu um braço no ombro e um beijo no rosto. Quis fingir que estava zangada, mas acabou sorrindo:

— Só podia ser você mesmo, seu traiçoeiro.

Jorge apontou o loirinho e se vangloriou:

— Ele é rápido, Cá, mas eu sou mais.

E, para provar que era mesmo, antes que ela dissesse uma palavra ele a beijou de novo.

Depois das aulas de natação e tênis, Cássia e João Marcos foram falar com o professor Aduino, mas ele não tinha nenhuma notícia de Sueli.

— Essa garota vai me matar do coração. Vocês acreditam que até agora eu não sei o que aconteceu ontem? Nós voltamos juntos no ônibus e ela não me contou. O pior disso tudo é que domingo nós vamos disputar o Atletas do Futuro e...

— É já neste domingo? — estranhou João Marcos.

— Já. Era para ser no outro, mas foi antecipado. Vocês estão sentindo o meu drama? A única chance que nós temos de ganhar uma medalha de ouro é com a Sueli. E cadê a Sueli?

João Marcos e Cássia foram para casa ainda mais preocupados. À noite, no jantar, a situação estava como na hora do almoço: João Marcos querendo de qualquer jeito ir à casa de Sueli. Mais uma vez, quem o acalmou foi Pascoal:

— Calma, filho. Amanhã cedo a gente vai saber alguma coisa.

— Mas, e se a Sueli amanhã também não for à escola?

— Não estou falando de escola. Amanhã é terça.

— E daí, pai? — quis saber João Marcos.

— Daí que amanhã, bem cedinho, a mãe da Sueli vai estar aqui, para a faxina.

23. A Sueli está aqui

Na manhã seguinte, Pascoal não precisou acordar João Marcos. O filho foi o primeiro da família a se levantar. O sol ainda não tinha aparecido e ele já estava no chuveiro.

Pascoal e Marta acordaram com o ruído da água.

— Como ele gosta daquela menina! — comentou Marta.

— Primeiro amor não é fácil, Martinha. Eu sei por mim.

— E eu por mim — disse ela, rindo e esfregando o nariz no dele. Depois, beijaram-se.

— O que você acha que deu na Sueli no domingo? — Pascoal perguntou.

— Coisas da adolescência, eu acho. Hormônios, essas coisas — ela respondeu, querendo acreditar no que dizia, mas um mau pressentimento continuava a apertar seu coração. Impressionada com aquilo, ela se perguntou: mas o que é que eu tenho com essa garota, afinal?

Não precisaram bater na porta do banheiro. Logo João Marcos saiu, depois do mais rápido banho da sua vida, e se pôs a andar de um lado para o outro da casa.

— Ai, meu Deus — lastimou-se Marta —, você vai começar de novo a girar como pião?

Quando a campainha tocou, ele correu para o portão. Marta abriu o janelão da sala e ela e Pascoal ficaram ouvindo a conversa do filho com a faxineira.

— Bom dia — disse dona Cleide.

— Bom dia. Como está a Sueli?

— A Sueli... está boa.

— Por que ontem ela não apareceu nem na escola nem no centro?

— Ela estava... com um pouco de dor de cabeça.

— Ela já melhorou?

— J... já. Já, sim.

— Então hoje ela vai à escola?

— Ah, eu acho que vai, sim.

Quando os dois entraram na sala, havia alívio no rosto de João Marcos.

— Pai, mãe — ele gritou. — A Sueli está boa. A mãe dela disse. Era só uma dor de cabeça.

— Está vendo? Eu disse que não era para você se preocupar, não foi? — lembrou Pascoal.

E Marta murmurou:

— Ah, que bom.

Nesse momento, Cássia acordou e estranhou ver o irmão já pronto.

— Ei — ela se queixou. — Você está a fim de ir sem mim, é?

Depois que ela, João Marcos e Pascoal saíram, Marta deu algumas instruções a dona Cleide e disse que ia à feira. Na sala, pegou um pouco de dinheiro na bolsa e pôs na bolsinha, apanhou uma sacola para guardar as compras e saiu. Na esquina, sentiu voltar o preconceito contra o Jardim Itapetininga. Um homem a encarou e, por uns instantes, Marta teve a sensação de que ia ser atacada. Mas passou por ele e, apesar de todo o seu pavor, de vez em quando conseguia olhar para trás e percebeu que não estava sendo seguida.

Fez as compras, falou animadamente com algumas vizinhas que encontrou na feira, prometeu telefonar para elas depois e, ao voltar para casa, estava quase achando agradável o bairro. Puxou conversa com dona Cleide, mas observou que sua empregada não estava tão disposta quanto no primeiro dia de trabalho. Parecia abatida. Nos braços, tinha manchas iguais às de Sueli e o rosto dava a impressão de estar inchado.

Marta pensou em perguntar se ela estava com algum problema, mas não fez a pergunta, por achar que era ridícula. Com sete filhos, sem marido e sem dinheiro, a única coisa que não devia lhe faltar eram problemas de todo tipo.

Depois de guardar as compras na despensa, foi para a sala e estranhou ver o janelão escancarado. Depois, lembrou-se de que o tinha aberto para ouvir a conversa do filho com a

empregada. Devia ter se esquecido de fechá-lo. Com tantos ladrões no bairro, aquilo era mais do que um descuido. Era uma loucura.

No almoço, João Marcos e Cássia vieram com uma boa notícia: Sueli tinha ido à escola.

Pascoal e Marta ficaram felizes, mas o maior sorriso foi o que se abriu no rosto de dona Cleide.

24. O que faz a paixão

Depois do almoço, Cássia começou a circular pela sala. Andava, andava, de vez em quando parava perto da janela, olhava para fora e dava um suspiro profundo.

Marta sorriu para João Marcos e disse:

— Ih, não sei, não. Acho que a sua irmã também está apaixonada... Será que não?

Mas ele, que parecia estar com o pensamento longe, também suspirou profundamente e não respondeu. Não tinha ouvido a pergunta.

Dali a pouco, embora fosse muito cedo, Cássia e João pegaram as mochilas e saíram. Marta percebeu uma diferença: ao contrário da tarde anterior, era a filha quem ia na frente, obrigando o filho quase a correr para acompanhá-la.

O calor estava forte e, quando passaram pela padaria, João Marcos parou de repente e pediu:

— Espera um pouco, maninha, que eu vou comprar um sorvetinho pra nós.

Mas ela não queria sorvete, nem refrigerante, nem nada. Queria continuar andando cada vez mais depressa, porque quanto mais rápido chegasse ao centro mais cedo estaria com Jorge. Na véspera, ele tinha dito piscando o olho que gostava de chegar bem antes da hora da aula, para ficar passeando por ali, no meio das árvores.

— Ei, não vai esperar, não? — João Marcos berrou, tentando parecer autoritário.

— Não — gritou ela, já trinta metros à frente.



Ele desistiu do sorvete e correu para alcançar a irmã. Quando conseguiu, pôs toda a raiva numa frase:

— As garotas, quando estão apaixonadas, ficam ainda mais idiotas do que são.

— E os garotos, não ficam? — perguntou ela, sem olhar para ele e sem desacelerar o passo.

Jorge estava à espera de Cássia na entrada do centro, mas ao notar que ela vinha com o irmão simulou surpresa quando a viu:

— Ué, o que você veio fazer aqui tão cedo, Cá?

— É cedo, é? Não sei, o relógio lá de casa está meio louco — respondeu Cássia, sem jeito.

— Eu cheguei agorinha mesmo. Meu pai me deu uma carona e...

João Marcos, que continuava de mau humor, por causa do sorvete não tomado, não perdeu a oportunidade:

— Ah, qual é, japa? Você está plantado aí faz um século, tocaiando a minha irmã, e vem com essa pra cima de mim? Eu, hem? Vocês dois querem saber de uma coisa? Efe, u, i. Fui!

Jorge esperou que ele se distanciasse um pouco e resmungou:

— Esse seu irmão é um... um...

— Um grosso. Eu sei.

Enquanto Jorge e Cássia iniciavam um passeio cheio de paradas para beijinhos e cochichos, João Marcos foi andando até a quadra de tênis. Talvez encontrasse alguém disposto a bater uma bolinha antes da aula. Assim, iria matando o tempo e ficaria de olho na escadinha, para ver quando Sueli passasse por ali a caminho da pista de atletismo.

Estava ansioso para falar com ela. Na conversa que tinham tido de manhã, na escola, ele havia sentido algo estranho nela. Sueli parecia estar escondendo alguma coisa. Apesar do calor, tinha ido com uma jaqueta por cima do uniforme.

— Você está sentindo frio? — ele tinha perguntado, e ela havia respondido que só um pouco.

— Deve ser gripe. Você já tomou algum remédio?

— Não. Não preciso. Eu estou bem. Só tenho uma dorzinha de cabeça. Mas isso logo passa.

Ele esperava que já tivesse passado e ela já estivesse boa. Como gostava daquela garota.

Ao pensar nisso, ele sorriu, satisfeito. E estava assim, sorrindo, ao ouvir:

— Feliz hoje, hem, João?

Era o professor Juca, que tinha chegado sem ele notar e, com uma bolinha nas mãos e mais duas nos bolsos da bermuda, estava convidando:

— Vamos aproveitar essa alegria e começar a mexer o corpo?

— Mas já? — ele disse, aflito, vendo Sueli, que começava a descer a escadinha.

— Já não. Agora — ordenou o professor, atirando uma bolinha na direção dele.

Para descarregar a tensão, ele deu uma rebatida com tanta força e tanta falta de perícia que, em vez de ir para a frente, a bola subiu na vertical como um foguete e caiu com

tamanha sede de vingança que, se João Marcos não pulasse para o lado, teria aberto um buraco na sua cabeça.

— Igual a essa eu... nunca vi e... nunca mais vou... ver — gargalhou o professor, sacudindo-se todo. — Se você tentar fazer isso de novo, vai levar duzentos anos e sabe quando você vai conseguir?

25. A mascarada

As rebatidas seguintes não foram tão espetaculares nem tão perigosas quanto a primeira, embora João Marcos continuasse a bater na bolinha com a mesma fúria e a mesma inaptidão.

Quando chegou outro aluno, João Marcos pôs a mão esquerda no estômago, fez uma careta, curvou o corpo e deixou a raquete deslizar para o chão.

O professor o encarou com preocupação:

— Ei, o que foi?

— Eu... estou precisando ir ao banheiro.

— E está esperando o quê? Uma autorização assinada pelo doutor Egberto?

João Marcos saiu da quadra ainda com a mão no estômago e foi andando para o lado do banheiro. No meio do caminho, olhou para trás e, vendo o professor já empenhado em lançar bolas para o outro aluno, mudou sorratamente de rumo e desceu a escadinha.

Precisava conversar com Sueli naquele instante. Não ia aguentar ficar esperando até o fim do treino de atletismo. O professor dela não devia ter chegado ainda e ele queria aproveitar aquele tempo. Nunca havia sentido tanta vontade de falar com ela.

De longe, viu Sueli conversando com um homem. Pensou que fosse o professor Aduino, mas à medida que se aproximava notou que era Sebastião. Não havia mais ninguém na pista. Ela estava de cabeça baixa e, embora o calor fosse ainda mais forte que de manhã, continuava com a jaqueta.

— Oi, Sebastião! Oi, Su! — ele cumprimentou, sentindo Sebastião se inquietar e Sueli estremecer.

Nenhum deles respondeu. João Marcos ficou sem graça ali, percebendo a perturbação dos dois. O que estava acontecendo? Procurou uma dica no rosto dele, buscou uma resposta nos olhos dela, e não soube o que pensar.



*João Marcos ficou sem graça ali, percebendo a perturbação dos dois.
O que estava acontecendo?*

Os três permaneceram assim, sem gestos e sem palavras, até que Sebastião pareceu se lembrar de alguma tarefa a fazer e foi saindo.

João Marcos olhou então para Sueli e se impressionou com a tensão que havia no rosto dela.

— Ele fez alguma coisa pra você? — perguntou, ameaçando ir atrás de Sebastião.

— Não — ela disse, segurando-o. — Ele está querendo me ajudar.

— Ajudar no quê?

— Numa coisa. Depois eu conto. Agora eu preciso me preparar para o treino. Tchau.

João Marcos voltou para a quadra de tênis. Todos os outros alunos já tinham chegado e o professor Juca, com uma bolinha na mão esquerda esticada para o alto e a raquete na direita, estava mostrando como o corpo devia ser flexionado para um golpe certo.

— Vocês notaram bem como deve ser o movimento? É assim, olhem. Assim. Assim — ele explicava e repetia a explicação.

— Professor, eu voltei — interrompeu João Marcos.

— Eu estou vendo. Já aliviou a sua consciência? — disse o professor, massageando a barriga e arrancando gargalhadas dos alunos.

— Já — ele mentiu.

— Ótimo. Agora pegue a raquete e a bola.

O professor voltou a mostrar como se devia fazer para dar um golpe perfeito e pediu a ele que repetisse os movimentos.

— Assim? — perguntou João Marcos, esticando a mão esquerda e girando a mão direita com a raquete, como tinha visto.

— Assim mesmo. Está maravilhoso. Só falta um detalhe.

— Qual?

— Desse jeito você nunca vai conseguir um bom golpe.

— Por quê?

— Porque você esqueceu de pegar isto.

Debaixo do riso desatado dos alunos, ele jogou a bola para João Marcos:

— Entendeu agora? Você é um bom tenista, João. Pena que seja tão distraído.

Quando a aula acabou, João Marcos foi correndo para a pista de atletismo. As garotas caminhavam para o vestiário. O treino tinha acabado. Não vendo Sueli, ele perguntou ao professor Aauto onde ela estava.

— A Sueli? — disse o professor. — Eu soube que ela esteve aqui, mas quando cheguei ela já tinha desaparecido. Não sei o que está acontecendo com essa garota. Não sei mesmo. Mas estou começando a desconfiar que o problema dela é máscara. Você sabe o que é máscara? Ela já está achando que é a maior do mundo e que não precisa mais treinar. Se ela pensa que eu vou até a casa dela implorar que ela volte, está perdendo tempo. Eu não vou.

João Marcos andou então por toda parte, procurando Sebastião, mas não o encontrou em lugar nenhum.

No caminho de volta para casa, ele contou à irmã o que tinha acontecido e desabafou:

— Maninha, eu pensava que a Sueli gostava de mim. Burrice minha. Agora eu sei que ela não me dá a mínima. Acho que ela arranhou outro cara.

Quando chegaram e a mãe quis saber como Sueli estava, ele disse:

— Pode ficar sossegada, que ela está melhor do que qualquer um de nós.

Marta percebeu a ironia no tom de voz dele e, quando João Marcos foi pegar um refrigerante na geladeira, ela perguntou à filha:

— O que ele tem?

— Nada, mãe. Ciúme só, eu acho.

— Ele brigou com a Sueli?

— Parece que sim — ela respondeu, sem vontade de falar sobre aquilo, e foi para o quarto. Queria descansar um pouco, antes do jantar, e pensar em Jorge.

26. Herói ou imbecil?

Na manhã seguinte, depois de uma noite de sono agitado, João Marcos acordou triste e foi para o chuveiro com tanto jeito de mártir que Marta censurou o marido:

— Você podia ter deixado o pobrezinho dormir mais cinco minutos.

Já pronta, Cássia, que esbanjava uma disposição surpreendente e, ao contrário das outras manhãs, não estava bocejando nem reclamando de tudo, expôs sua opinião:

— O pai está certo. Tem mais é que dar prensa mesmo. Eu não quero perder a hora por causa daquele lesmão.

Com a frase, ela se desferrava do tratamento dado pelo irmão a Jorge e, mais do que isso, mostrava sua ansiedade de chegar à escola para rever o namorado.

Para provar sua impaciência, foi até a porta do banheiro e deu cinco pancadas:

— Como é? A noiva ainda vai demorar? O padre já chegou.

Mesmo depois do banho, João Marcos estava com uma expressão tão lastimável que Pascoal ficou tentado a pedir desculpas, por acordá-lo com tamanho empenho, e Marta foi pegar um termômetro.

— Filho, você deve estar com febre.

De má vontade, ele deixou a mãe colocar o termômetro debaixo do seu braço esquerdo, enquanto com o direito pegava um copo de leite, sob o olhar policial de Cássia.

— Toma logo isso aí e vamos embora — ela exigiu.

— O que você zurrou aí? — ele disse. — Eu não entendi.

— Toma logo isso aí e vamos embora — ela repetiu.

— Não entendi, de novo. Pai, mãe, vocês repararam como ultimamente não dá pra gente compreender uma palavra do que diz essa menina? Ela anda falando uma língua estranha. Acho que só pode ser japonês...

Marta e Pascoal sorriram. Era um alívio. Tinham certeza, agora, de que ele não estava doente. Já não precisavam nem olhar o termômetro. Pascoal saiu tranquilo para o mercadinho.

João Marcos ainda demorou um bocado, para irritar mais a irmã. Depois, apanhou a mochila e de repente, como se agora estivesse com muita pressa, gritou para Cássia:

— Vamos, vamos. Está esperando o quê? A banda passar? Ô, menina lerda!

Na escola, enquanto a irmã ia para a classe com Jorge a tiracolo, ele foi para a dele sem Sueli.

Quando a primeira aula começou, ele ficou atento à porta, esperando que a qualquer momento ela entrasse e, sorrindo para ele, acabasse com todas as dúvidas que o angustiavam.



Mas acabou aquela aula, veio a segunda, o intervalo, depois as duas últimas e nem sinal de Sueli. Antes de ir embora, ele pensou em falar com dona Ivete e chegou a

caminhar até a sala dela, mas na última hora desistiu e passou direto. O que iria dizer a ela?

Estava dividido. Num instante, imaginava Sueli em perigo e agitava-se, pensando como poderia salvá-la. No instante seguinte, acusava-se de ser o maior imbecil do planeta, por se preocupar com uma garota que não ligava para ele.

Na volta para casa, estava tão abatido que por um momento Cássia, com pena, conseguiu deixar de pensar em Jorge. Pondo a mão no ombro dele, ela disse, tentando parecer convicta:

— Ela vai aparecer no centro, você vai ver.

Ele respondeu, sem entusiasmo:

— E daí? Ontem ela também apareceu, lembra? Mas não quis falar comigo.

27. A mana de Sebastião

João Marcos pensou em não ir ao centro esportivo. Tinha medo de encontrar Sueli e ser ignorado por ela. Havia perdido toda a confiança. Sentia-se como se nunca a tivesse ouvido confessar como ele era importante para ela. E como se ele nunca mais ousasse dizer o que tinha dito tantas vezes:

— Su, eu te amo.

Até a última hora, lutou com a dúvida: ia ou não ia? Acabou resolvendo ir porque, se ficasse em casa, a mãe não o deixaria em paz. Ia importuná-lo com o termômetro, chazinhos, compressas, inalações, comprimidos.

Mas, assim que se viu a caminho do centro, sentiu-se tão desanimado, tão fraco, que pensou se não estaria precisando do termômetro, dos chazinhos, das compressas, das inalações e dos comprimidos.

— Você está baqueado, hem, maninho? Se continuar desse jeito, acho que eu vou precisar arranjar outro padrinho de casamento — brincou Cássia.

— Se aquele japinha folgar comigo, você vai ter é que arranjar outro noivo, porque esse eu vou pulverizar — reagiu João Marcos.

— Ih, não sei, não. Ele me disse que é fera no judô...

— Lugar de fera é no zoológico.

— Não sei por que você não gosta dele. Ele é uma gracinha. Quer ouvir uma piada que ele me contou?

— Não.

— Era uma vez — começou ela, sem ligar para a recusa dele — um casal japonês que veio morar no Brasil e teve um filho. Quando o bebê nasceu, eles ainda não tinham escolhido o nome. No dia de registrar a criança, foram para o cartório e, na hora em que o escrivão perguntou como o bebê ia se chamar, nenhum dos dois respondeu. Então, o escrivão começou a falar uma porção de nomes, para eles escolherem. Ele disse José, Ernesto, Lúcio, Carlos, Afonso, Luís, Jaime, e os dois só iam dizendo que não, não, não. Já cansado, o

escrivão pensou, pensou e disse: "Então, eu sugiro Pedro". Os dois sorriram e disseram: "Esse". O escrivão perguntou: "Ponho Pedro, então?" E os dois responderam: "Não. O outro". O escrivão estranhou: "O outro?" Aí eles disseram: "É. Sugiro. Bom nome esse, Sugiro".

João Marcos segurou-se para não rir e fez pouco da piada:

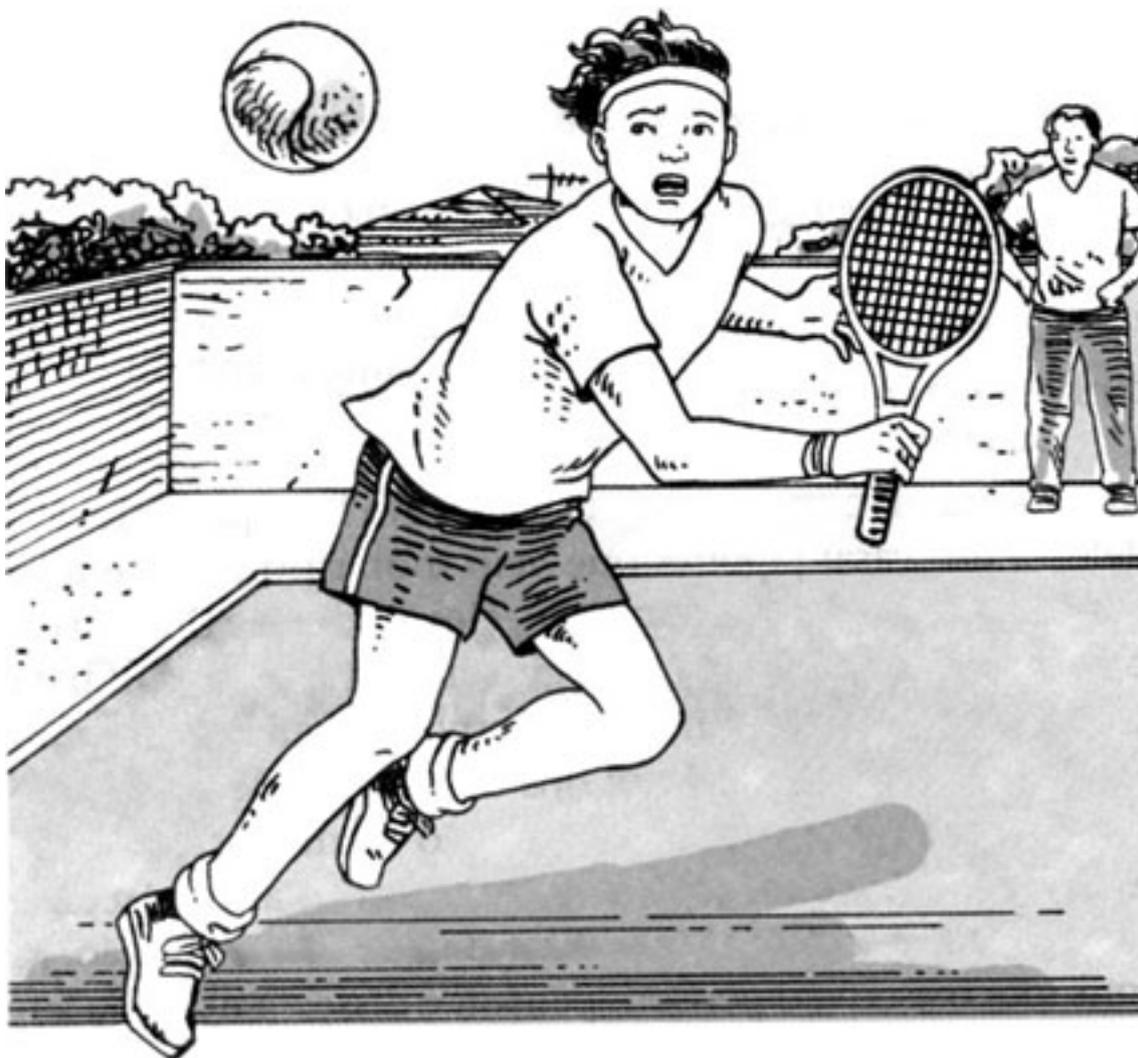
— Essa eu já conhecia.

— Conhecia nada — duvidou ela, empurrando o irmão.

Por uns momentos, lembrando-se da piada, ele deixou de pensar em Sueli e nos problemas que tinha por causa dela. Devia agradecer a Jorge por isso, talvez até lhe dar um abraço. Mas, ao vê-lo, a única coisa que deu foi um olhar de desdém. Jorge retribuiu com um sorriso. Amarelo.

Sem saber o que faria se visse Sueli, João resolveu não ir procurá-la. Foi para a quadra. Se ela quisesse falar com ele, sabia onde encontrá-lo.

Conseguiu concentrar-se no treino e foi até elogiado pelo



professor Juca, depois de dois bons voleios.

— É isso aí, João. Você está começando a pegar o espírito da coisa.

Sentiu-se bem, com uma disposição que fazia muito tempo não tinha. Começou a jogar contra o garoto que o tinha eliminado uns dias antes na seletiva e não gostou nem um pouco quando o professor interrompeu a partida para pôr dois novos jogadores na quadra: estava ganhando por 3 a 1 e tinha certeza de que ia arrasar o adversário.

Enquanto durou a aula, só pensou em tênis. Mas, depois de enfiar a raquete na mochila, sua inquietação e suas dúvidas voltaram. Ficou de novo diante da indecisão: ia ou não ia procurar Sueli?

Foi. Na pista de atletismo, havia começado uma corrida de cento e dez metros com barreiras. Seis garotos corriam, aproximavam-se do obstáculo, saltavam, corriam para o obstáculo seguinte, saltavam de novo e corriam outra vez, até o último obstáculo e os derradeiros metros.

Apesar da curta distância, o vencedor chegou sem fôlego e só depois de alguns segundos sorriu para agradecer os aplausos do professor Aduino:

— Boa, Valtinho!

Para os outros meninos, o professor também não negou incentivo:

— Valeu, Beto! Levanta a cabeça, Dedê! Gostei, Tonhão! Depois, reuniu todos perto da linha de chegada, para comentar a corrida. João Marcos, impaciente, começou a andar em volta deles.

— Pessoal, um instante só — pediu o professor. — Você veio saber da Sueli?

Enquanto alguns garotos, que conheciam o namoro de João com Sueli, davam risinhos abafados, ele precisou admitir:

— É. Ela veio hoje, professor?

— Comigo ela não está. Pode me revistar — disse o professor, provocando novos risos. — Você, que é amigo dela, me faça um favor. Se encontrar essa garota, diga que ou

ela aparece amanhã, e com uma boa explicação, ou não precisa aparecer mais. Eu sou treinador, não sou palhaço.

João Marcos saiu dali humilhado.

Vendo três amigas de Sueli, que tinham acabado de treinar e estavam tomando sorvete no barzinho do centro, ele foi perguntar se elas sabiam de alguma coisa.

As três balançaram a cabeça: não sabiam de nada. E uma delas, girando o dedo indicador no lado da cabeça, deu sua opinião:

— A Su, eu acho que pirou. Só pode.

Saindo do barzinho, ele viu Sebastião. Pensou em ir falar também com ele sobre Sueli, mas não foi. A cara de Sebastião era de quem não queria conversa com ninguém. No lado esquerdo, embaixo do olho, havia uma marca roxa.

João não quis voltar para casa com Cássia. Precisava andar sozinho, para tentar pôr ordem nas idéias, mais confusas do que nunca.

Para evitar companhia, na saída ele se aproximou da irmã, que estava se despedindo de Jorge, e avisou:

— Maninha, me dá uma folga, tá?

Ela não entendeu:

— Folga?

— É. Se quiser vir comigo, pode. Mas meio quilômetro na frente ou meio quilômetro atrás. Entendeu?

Jorge aproveitou para fazer média:

— Eu vou com você, Cá.

28. O ladrão com a faca

À noite, o mau humor de João Marcos estragou o jantar da família. Ele reclamou da comida, dizendo que estava sem sal, queixou-se do suco de laranja, resmungando que tinha açúcar demais, e na hora da sobremesa protestou também, acusando o pudim de baunilha de não estar com gosto de baunilha.

— Mas é claro que não está — concordou Marta. — Esse pudim é de coco, meu filho...

Enquanto os pais e a irmã acabavam de comer, ele foi para a sala e ligou a televisão no mais alto volume. Com o controle remoto, ficou passando de canal em canal com uma velocidade supersônica, como se estivesse brincando de derrubar aviões num *videogame* e cada aperto de tecla fosse um disparo de foguete.

Na cozinha, Marta, Pascoal e Cássia olhavam-se como se dissessem: e agora, o que é que a gente faz?

Não fizeram nada. João Marcos cansou-se de derrubar aviões, desligou a tevê e foi para o quarto. Marta pensou em ir falar com o filho, mas Pascoal a fez desistir:

— Deixa, Martinha. Se ele pegar no sono, é até bom.

— Aquela garota vai acabar com ele. Cassinha, você sabe de alguma coisa que eu não sei? Ela está doente ou os dois brigaram e ela está fazendo charminho?

— Eu não sei, mãe — disse Cássia, levantando as mãos com as palmas viradas para cima. — Sabe o que o Jorge...?

Marta não quis ouvir o fim da frase. Deixou a filha falando sozinha e foi para a sala, onde Pascoal tinha ligado a televisão. Se ele não começasse a derrubar aviões também, como João Marcos, ela se acomodaria ao lado dele e tentaria ver algum programa, para se distrair. Estava precisando.

Sentada no sofá, vendo as primeiras cenas de uma reportagem, ela ainda ouviu a voz de Cássia, que na cozinha continuava a falar:

— ... o Jorge... na hora... ele... eu... o Jorge... então... eu... o Jorge...

Depois de falar mais um pouco sozinha, Cássia foi para o quarto. Quando o noticiário acabou, Pascoal e Marta viram um capítulo de uma minissérie. Depois, Pascoal foi dormir também. Marta deu uma ajeitada na cozinha, já bocejando, e resolveu que merecia ir para a cama.

Na sala, a caminho do quarto, ela se irritou ao notar a sua bolsa fora do lugar. Quem teria mexido nela e para quê? Abriu-a e não gostou do que viu. Ela estava remexida. Pascoal não faria aquilo, tinha certeza, nem os filhos. Mas, se não tinha sido nenhum deles, só havia outra pessoa suspeita: dona Cleide. Além deles, apenas ela havia estado na casa.

Recordando que tinha aberto a bolsa pela última vez na véspera, antes de ir para a feira, Marta reforçou sua suspeita. Lembrou-se de que, enquanto pegava algumas notas ali, estava dando instruções de limpeza à faxineira. Era isso: a mãe de Sueli a tinha visto tirando o dinheiro e...

Virou a bolsa sobre a mesa e começou a conferir os objetos esparramados. Não precisou de muito tempo para verificar que havia sumido o resto das notas que ela havia deixado ali e desaparecido o talão de cheques da sua conta conjunta com Pascoal.

Foi para o quarto ansiosa para contar tudo a Pascoal. Mas ele estava dormindo profundamente, e ela, depois de lhe dar três ou quatro cutucões, não tentou mais acordá-lo.

Resolveu deixar a revelação para o dia seguinte. Era até melhor assim. Antes da chegada de dona Cleide, pretendia falar com João Marcos e Cássia. Um deles, mexendo na bolsa para procurar alguma coisa, podia ter se distraído e colocado o dinheiro e os cheques em outro lugar.

Atormentada com essa dúvida, demorou para dormir e teve um sono agitado. Acordou várias vezes, no meio de pesadelos. Num deles, um ladrão encostava uma faca no seu pescoço e lhe arrancava a bolsa da mão.



Abriu a bolsa e não gostou do que viu. Ela estava remexida.

29. Quem mexeu na bolsa?

Marta acordou mais tarde do que pretendia. Quando abriu os olhos, viu Pascoal, que, já de banho tomado e pronto para ir ao mercadinho, estava diante dela, com uma bandeja de café com pão e geléia.

— Hum, que cheirinho bom — ela disse, aspirando o ar gulosamente.

— Bom dia — ele cumprimentou, estendendo a bandeja para ela e curvando-se para beijá-la. — Como vai a minha princesinha preguiçosa?

Sorrindo, Marta preparou os lábios para o beijo. Então, lembrou-se da aflição que tinha atormentado sua noite e, no mesmo instante, seu sorriso e seus lábios murcharam.

— O que foi? — estranhou Pascoal. — Que cara! Será que eu esqueci de escovar os dentes?

Marta pôs a bandeja na cama e começou a se levantar. De pé, ela abraçou Pascoal. Ele brincou:

— Se você está pensando em emoções fortes, agora eu não tenho tempo. Preciso trabalhar, você sabe.

Só aí, pela angústia no rosto dela, ele percebeu que havia alguma coisa errada.

— Você está doente, Martinha?

— Não, Pascoal. Mas eu preciso falar com você.

— O que é?

— É um negócio chato. Chato mesmo. Ontem à noite, eu descobri que mexeram na minha bolsa e pegaram dinheiro e o meu talão de cheques.

— Mas como? Você falou com o João e a Cássia?

— Não. Os dois já estavam dormindo. Mas nenhum deles ia fazer isso. Eles nunca fizeram. Nem quando eram bem pequenos.

— Mas, se não foram eles — disse Pascoal, imaginando o que Marta estava pensando —, então só pode ser a...

— É terrível suspeitar assim de uma pessoa, eu sei, mas em quem mais eu posso pensar?

— É. Mas será que...

— Daqui a pouco ela vai estar aqui, se é que ela vem, e eu não sei o que vou fazer. Como é que eu vou chegar e dizer uma coisa dessas? Você me ajuda?

Pascoal hesitou um pouco. Depois, prometeu:

— Ajudo. Mas antes é bom falar com o João e a Cássia. De repente, algum deles está fazendo uma brincadeira e...

— Eu falo. Acho difícil um deles fazer um negócio desses. Difícil não. Impossível. Mas eu vou falar com os dois. Eles já acordaram?

— Já. Já estão até prontos.

— Nossa! Já é tão tarde assim?

Ainda de pijama, ela foi para a sala e depois para a cozinha, mas os filhos não estavam lá. Ouviu a voz dos dois no quarto de Cássia. Como sempre, estavam gastando a energia matinal em uma briguinha.

Marta entrou no quarto batendo palmas:

— Ô, ô, ô, vamos parar com o comício, vamos?

Vendo a mãe, os dois correram para ela, João se queixando de Cássia, Cássia se queixando de João.

— Gente, por favor, gente — pediu ela. — Depois vocês continuam a guerra, está bom? Agora eu quero saber uma coisa. Quem de vocês mexeu na minha bolsa?

— Bolsa? — os dois perguntaram ao mesmo tempo, sem entender.

Continuando a briga, João Marcos disse, apontando para a irmã:

— Só pode ter sido ela.

E ela respondeu com um monte de tapas.

Enquanto Marta confirmava a certeza de que os dois eram inocentes no caso da bolsa, a campainha tocou. Devia ser dona Cleide chegando. Ela ia abrir a porta quando ouviu a voz de Pascoal:

— Pode deixar que eu abro, Marta.

Ela, então, resolveu ficar mais um pouco ali com os filhos, para adiar o terrível momento em que teria de falar com dona Cleide. Um minuto depois, Pascoal estava indo para o quarto de Cássia, ansioso. Torcia para que, chegando lá, a mulher e os filhos lhe dissessem que o dinheiro e o talão de cheques tinham sido encontrados e que tudo não havia passado de mal-entendido ou brincadeira.

30. O mistério continua

Assim que chegou à porta do quarto, Pascoal olhou para Marta, fez sinal mostrando que dona Cleide tinha entrado e perguntou:

— E aí?

— Não foram eles — ela respondeu, enquanto João Marcos e Cássia balançavam a cabeça, isentando-se de culpa.

— Então nós vamos precisar falar com a dona Cleide — disse Pascoal, angustiado.

Nesse momento, virando o rosto para a sala, ele viu uma cena que o deixou arrepiado. Dona Cleide tinha se aproximado furtivamente da mesa e estava abrindo a bolsa de Marta. Quando o fecho deu um estalo, ela olhou para os lados, nervosa, e esperou um instante. Depois, continuou a mexer na bolsa.

Pascoal prendeu a respiração, sem acreditar no que estava acontecendo. Notando sua expressão de espanto, Marta e os filhos chegaram perto dele e esticaram o pescoço, curiosos.

Por alguns segundos, os quatro ficaram imóveis como estátuas. Mas, de repente, Marta perdeu a paciência, empurrou o marido e saiu do quarto. O ruído dos seus chinelos alvoroçou a faxineira. Ela largou a bolsa e, pegando um pano, simulou estar tirando o pó da mesa. Ao ver Marta, ela cumprimentou:

— Bom dia, dona Marta.

Marta não respondeu. Caminhando para ela com firmeza, disse:

— O que você queria na minha bolsa?

Dona Cleide fingiu não ter entendido:

— O que a senhora disse?

Marta estava furiosa:



— Você ouviu muito bem. O que você queria na minha bolsa?

Dona Cleide murmurou:

— Bolsa?

— É — gritou Marta, pegando a bolsa e batendo com ela na mesa, com força. — Bolsa. Não sabe o que é bolsa? Bolsa é isto aqui, ô. Agora eu vou repetir: o que você queria na minha bolsa? Você pensa que eu sou idiota ou o quê?

Dona Cleide não respondeu, nem teve coragem de encarar Marta. Só ficou olhando para Pascoal, João Marcos e Cássia, como se estivesse pedindo socorro a eles.

— Você pensava — continuou Marta — que eu não ia perceber que você sumiu com o meu dinheiro e o meu talão de cheques e que eu ia pôr mais dinheiro aí pra você roubar? É isso que você pensava, é?

— Eu... Eu...

— Sabe o que me dá mais raiva? — desabafou Marta. — É que por um momento eu cheguei a suspeitar dos meus filhos. Pascoal, você viu o que você foi buscar lá na favela e enfiou aqui na minha casa? Foi isso aí. Uma ladra. Maldita a hora em que você resolveu trazer a gente pra este bairro!

Pascoal abraçou Marta, que tinha começado a chorar e estremeceu com os soluços que sufocavam sua voz.

Cássia e João Marcos não sabiam o que fazer ou dizer. Ela estava com cara de choro, por solidariedade a Marta, e ele, apalermado, parecia não acreditar que Sueli tivesse uma mãe capaz de uma ação tão indigna.

Notando o olhar dele, dona Cleide não aguentou mais e se pôs a chorar também. Com grossas lágrimas correndo para os lábios, ela prometeu:

— Eu vou... explicar o que... aconteceu. Foi o meu...

Também com as palavras entrecortadas pelo choro e pela indignação, Marta a interrompeu:

— Você não... precisa explicar... nada. Tudo... está bem... claro.

— Não é... bem... o que... parece — disse dona Cleide. — Foi o meu...

— Como não é... o que... parece? Está me... chamando de... mentirosa? Todos nós... vimos. Você vai... querer... negar que... meteu a mão na... minha bolsa?

— Não. Não... vou. Mas se... a senhora... olhar dentro da bolsa... vai ter uma... surpresa.

— Su... Surpresa? Que... surpresa? — perguntou Marta, pegando e abrindo a bolsa. — Vai me... dizer que os... cheques e o... dinheiro não...

Ela parou a frase nessa palavra e, com o rosto transtornado pelo espanto, puxou duas notas, que pôs em cima da mesa, e em seguida um talão de cheques.

— O que... é... isto?! — ela exclamou, olhando o dinheiro e os cheques como se tivessem aparecido ali por um passe de mágica.

Um leve sorriso desanuviou o rosto de dona Cleide:

— Eu espero... que esteja... tudo... aí, dona Marta.

Marta, Pascoal, João Marcos e Cássia se entreolharam, cada um tentando ver se os outros tinham entendido aquele mistério. Ficaram assim algum tempo, sem ação. Dona Cleide, então, propôs:

— Se vocês deixarem... eu conto... tudo.

31. A dura verdade

Apesar dos protestos, João Marcos e Cássia foram despachados para a escola e precisaram deixar insatisfeita sua curiosidade.

Pascoal ficou para ouvir a história de dona Cleide. Se chegasse um pouco atrasado para abrir o mercadinho, paciência. Matias, Raimundo e Lucélia esperariam. Nessas horas, era ótimo ser o patrão.

Dona Cleide pediu para tomar um copo de água na cozinha. Quando voltou para a sala, Marta e Pascoal estavam sentados no sofá, esperando. Ela pediu licença e se acomodou, ao lado deles. Já chorando menos, e com a voz mais segura, começou:

— Eu peço desculpas. Muitas desculpas. Estou morrendo de vergonha. Sempre fui pobre, desde que nasci, mas nunca roubei um centavo de ninguém.

Pascoal olhou para Marta, curioso para ver o efeito das palavras de dona Cleide sobre ela. Notou que Marta, embora menos tensa, ainda encarava a mulher com desconfiança.

Dona Cleide continuou:

— A minha desgraça foi conhecer o Róbson, meu marido. Eu era uma menina quando casei com ele. Ele também era novinho. Eu fui mudando, com o tempo. Ele, não. Sempre foi meio folgado. Eu achava que um dia ele ia acabar criando juízo, mas o tempo foi passando e ele sempre daquele jeito. Cada filho que ia nascendo, a minha esperança voltava. Agora o Róbson toma juízo, eu pensava, mas... Hoje eu sei que ele não vai mudar nunca. Tem homem que não cria juízo nem quando chegam os filhos.

— Vocês têm sete, não é? — perguntou Pascoal.

— Filhos? É. Agora vocês imaginem como tem sido a minha vida, com todas essas crianças pra cuidar e com um marido com cabeça só pra farra, bebida e mulherada...

— É, dá para imaginar — suspirou Pascoal.



— *Eu peço desculpas. Muitas desculpas. Estou morrendo de vergonha.*

— Eu fui levando, porque gosto do desgraçado. Mas os vizinhos sempre me falaram que eu era uma boba. E eles tinham razão. Eu me matando de trabalhar e ele em casa dormindo, bêbado. Sempre bêbado. Quando eu reclamava, ele dizia: Eu fico em casa pra tomar conta dos seus filhos. Ele falava assim mesmo: dos "seus" filhos, como se os filhos fossem só meus.

— Mas que homem insensível! — comentou Pascoal, percebendo que o rosto de Marta ia ficando menos severo.

— É. Eu e as crianças passando fome e sabe do que ele reclamava? Da falta de dinheiro pra comprar pinga e cigarro. Se não fosse a ajuda de pessoas boas, como a dona Ivete e... vocês, acho que a gente tinha morrido. Ele às vezes sumia e, quando eu pensava, bom, meu marido está preso ou morto, ele voltava com a maior cara-de-pau. Parecia que não tinha acontecido nada. Eu sou culpada, eu sei, porque sempre deixei pra lá. E ele foi ficando cada vez pior. Ah, meu Deus, eu... eu...

Dona Cleide recomeçou a chorar, enquanto Pascoal dava uma espiada no relógio, começando a ficar aflito com a hora, e Marta procurava segurar as lágrimas, que já lhe umedeciam de novo os olhos.

— Faz algum tempo — recomeçou dona Cleide —, ele sumiu outra vez. Dizem que foi morar com uma mulher, uma traficante, lá na favela da Vila Cíntia. Eu, muito burra, fiquei preocupada e chorei muito. Sempre senti pena do Róbson, por ele ser assim desmiolado. A Sueli, desde os seis ou sete anos, começou a se revoltar com ele. E eu uma vez até bati nela por isso. Ah, meu Deus, como eu me arrependo. Ela sempre me falou que era muita injustiça a gente passar tanto sufoco e ele ficar indo embora e voltando quando queria, sem trazer um centavo pra dentro de casa. A Sueli só tem treze anos, mas parece que tem mais. O sofrimento faz dessas coisas.

— É verdade — concordou Pascoal, lembrando-se de suas próprias experiências.

— A situação ficou pior ainda quando eu perdi dois dias de faxina por semana, que eu tinha. Uma noite, eu estava tão

arrasada que a Sueli disse que ia roubar pra não deixar os irmãozinhos de barriga vazia.

— Meu Deus — murmurou Marta.

— Foi nessa noite que eu vi todo o mal que o Róbson fez pra nós e comecei a torcer pra ele nunca mais voltar. Mas ele voltou.

— Voltou? — disse Pascoal, com surpresa e revolta.

— Voltou. Foi no sábado, agora. E voltou pior. Chegou dando bronca, ameaçando. Disse que a gente ia precisar arranjar dinheiro pra ele, porque ele estava devendo pruns caras lá da Vila Cíntia, e avisou que, se a gente não arranjasse logo, ele ia acabar com a nossa raça. Juro por Deus que eu nunca vi o Róbson assim. Eu achei até que ele estava drogado. Os meus filhos ficaram todos apavorados.

Os menorzinhos começaram a chorar e correram pro meu colo. Aí o Róbson gritou com eles e me empurrou. Então a Sueli, que até aquela hora estava quieta, pegou uma lata de óleo e atirou nele, pra me defender. Ai, meu Deus, só de lembrar eu...

Pascoal e Marta olharam para ela, com pena. Marta já não tentava disfarçar as lágrimas. Enquanto dona Cleide procurava recuperar o fôlego, para continuar a história, ela foi pegar um lenço.

32. Como tudo aconteceu

Depois de assoar o nariz, Marta voltou para o sofá. Dona Cleide suspirou, retribuiu o olhar de simpatia que tinha recebido dela e recomeçou a contar seu drama:

— Quando a Sueli jogou a lata de óleo no Róbson, ele se abaixou e a lata não pegou nele. Então ele virou um bicho. Segurou os braços dela e foi apertando, apertando. Ele gritava: "Viu como você é fraca? Por que você não pega agora outra coisa pra atirar em mim?". Eu vi, pela cara dela, que aquilo estava doendo muito, mas ela não queria mostrar que estava. Ele continuou apertando os braços dela e berrando que era ele quem mandava e que ela precisava dizer aquilo, se não ele arrebatava os braços dela. "Diz, diz", ele berrava, que nem louco.

— E a senhora não fez nada? — perguntou Pascoal, impressionado.

— Quando ela não aguentou mais e começou a gritar de dor e a chorar, eu avancei nele. Ele me deu um monte de tapas na cara e, quando eu me protegi com as mãos, ele me encheu de socos nos braços e me deu uma porção de pontapés nas pernas. Eu ainda estou toda marcada.

— É, dá para ver. Mas que homem mais sem coração, meu Deus — disse Marta.

— A Sueli ficou desesperada e no dia seguinte não queria nem ir participar do campeonato lá no Parque Juriti. Ela disse que não ia sair de casa, porque com o pai lá daquele jeito os irmãos dela corriam perigo. Eu precisei insistir muito pra ela ir. Os braços dela estavam cheios de marcas e ela me disse que todos iam perguntar o que era aquilo.

— É, eu notei as marcas e estranhei, lembra? — Marta disse a Pascoal.

— É, você falou, sim.

— No domingo, quando voltou do campeonato — recomeçou dona Cleide —, ela chorou a tarde toda e disse que não ia nunca mais nem pra escola nem pro centro esportivo. O Róbson, que tinha bebido o dia inteiro, gozou a

cara dela e disse que filho de pobre não era mesmo pra frequentar escola nem ficar com frescura de querer ser atleta. Filho de pobre, ele falou, era pra trabalhar que nem camelo e levar pancada, pra largar a mão de ser besta. Na segunda-feira, a Sueli não foi nem pra escola nem pro centro. Na terça, antes de vir trabalhar aqui, eu conversei com ela, disse que as marcas não estavam tão feias, que o Róbson parecia mais calmo e que ela devia ir pra aula.

— E ela foi, não é? Eu lembro que o João Marcos voltou da escola todo feliz — disse Marta.

— É. Ela foi. E, assim que ela saiu, o Róbson me disse que eu estava demorando pra arranjar o dinheiro que ele tinha pedido. Eu respondi que ele estava louco. Como é que eu ia conseguir dinheiro, se a gente não tinha nem o que comer? Ele disse que era problema meu e saiu comigo, quando eu estava vindo pra cá. Eu fiquei com tanto medo de ele armar um problema aqui, que prometi arranjar o dinheiro logo. Mesmo assim, ele veio comigo até a esquina, sempre me ameaçando. Quando a senhora foi pra feira, eu ainda fiquei olhando algum tempo pela janela, mas ele tinha desaparecido. Só depois que comecei a faxina lá nos quartos eu me esqueci dele. A grande surpresa estava me esperando em casa, à noite.

— E o que era? — perguntou Marta, ansiosa.

— A Sueli me disse que de tarde tinha ido ao centro pra pedir ajuda ao Sebastião. Vocês sabem quem é o Sebastião, não sabem?

— É aquele funcionário do centro esportivo, não é? — perguntou Pascoal.

— Aquele mesmo. Ele é nosso vizinho, lá na favela. Ele gosta muito da Sueli. Sempre diz que ela é que nem uma filha pra ele. E ele gosta de mim, também. Nós nascemos na mesma cidade, lá em Pernambuco. A Sueli contou tudo que estava acontecendo em casa e o Sebastião ficou tão revoltado com aquilo que prometeu ajudar. A Sueli estava tão arrasada que nem ficou pro treino, no centro. Foi pra casa e falou pro Róbson que, se ele não sumisse logo dali, o Sebastião ia dar um jeito nele.

— E ele? — quis saber Pascoal.

— Ele morreu de rir e avisou que não ia perder tempo com Sebastião nenhum. Disse que já tinha conseguido o dinheiro que queria e ia embora. A Sueli duvidou, mas ele, que já estava bêbado outra vez, tirou do bolso umas notas e um talão de cheques e ficou sacudindo na cara dela. E o mais legal, ele disse rindo, é que a sua mãe vai ficar encrencada. Aí ele perguntou, olhando o talão, se ela sabia quem era Marta e quem era Pascoal.

— Quer dizer, então, que... — começou Marta.

— Enquanto a senhora estava na feira e eu fazia a faxina, ele arrumou um jeito de entrar aqui, eu não sei como.

— Deve ter sido aí pelo janelão — comentou Marta.

— Quando o Róbson disse o nome de vocês, a Sueli se apavorou. Não sabia como ele tinha conseguido aquilo. Mas, como ele disse que eu ia ficar encrencada, ela imaginou tudo. Então, enquanto ele continuava enchendo a cara de pinga, ela ficou torcendo pra ele demorar pra ir embora. Às seis e meia, hora em que o Sebastião costuma chegar do centro, ela foi até o barraco dele e pediu socorro. O Sebastião veio, os dois se arrebetaram de pancada, e o Sebastião, depois de pegar o dinheiro e o talão de cheques, pôs o Róbson pra correr, espero que pra sempre. Se ele voltar, eu chamo a polícia. A Sueli acha que eu não vou ter coragem de fazer isso, mas eu acho que vou, sim.

— Você tem que fazer isso. Pelos seus filhos — sugeriu Marta.

— Logo que o Róbson sumiu do barraco — continuou a mãe de Sueli —, eu pensei em vir aqui pra devolver tudo, mas depois achei que vocês não iam acreditar na história e fiquei com medo e com muita vergonha, também. Então eu tive uma idéia maluca. Imaginei que a senhora podia não notar a falta das coisas e aí eu podia pôr tudo de volta na bolsa hoje. Quando o seu Pascoal foi abrir a porta pra mim, eu estava tremendo de pavor. Aí, ele não falou nada do roubo e eu achei que ninguém tinha percebido mesmo. Quando eu estava pondo o talão e o dinheiro na bolsa, a senhora me flagrou. Ai, que vergonha, meu Deus! Mas quem sofreu mais foi a Sueli, coitadinha. Com medo de encarar o João Marcos, se a senhora tivesse descoberto, ontem ela não foi nem pra escola nem pro centro. Bom, eu não sei se está aí tudo que o Róbson

levou. Se não estiver, a senhora me fala, que depois a gente vê. Eu posso pagar com trabalho. Sei que o que eu fiz não tem desculpa, mas...

Pelo olhar de Pascoal e Marta, dona Cleide soube que estava perdoada.



33. Abraços campeões

Na hora do almoço, dona Cleide, por sugestão de Marta, foi contar à filha que estava tudo esclarecido e em paz. Sueli, preocupada com a situação, não tinha ido à escola, e dona Cleide estava ansiosa para dizer a ela que agora a vida dela podia voltar ao normal.

Enquanto isso, João Marcos e Cássia foram informados das novidades e ficaram muito felizes — ele bem mais do que ela.

À tarde, sabendo que Sueli ia ao centro esportivo, ele ameaçou a irmã de ir sozinho, se ela não se apressasse. Cássia, que estava cuidando do visual, não gostou:

— Ei, dá pra ser um pouco menos impaciente?

Mas ele usou um argumento irresistível:

— É assim que você gosta do japinha, é?

— Japinha, não. O nome dele é Jorge. Você sabe muito bem — protestou ela.

Quando saíram, receberam tchauzinhos de Marta e também de dona Cleide, que tinha voltado para continuar a faxina, depois de falar com a filha.

— Vocês dão um beijo na Sueli? — ela pediu.

— Pode deixar, dona Cleide, que eu dou, sim — garantiu João.

— Assanhado — brincou Cássia.

Quem estivesse vendo a disposição dos dois na rua, caminhando rapidamente com a mochila esportiva nas costas, apostaria que ali estavam duas futuras glórias do bairro e dois prováveis campeões olímpicos do Brasil.

Mas nem ele nem ela estavam pensando, naquele momento, em vitórias ou em recordes nas quadras e nas piscinas do mundo. Os pés de Cássia se apressavam por causa de Jorge, e o coração de João Marcos batia mais forte por Sueli.

Mas, nessa tarde, os dois só conseguiram o segundo lugar nessa corrida. Quando chegaram ao portão do centro esportivo, os vencedores já estavam lá: Jorge e, ao lado dele, Sueli.

O abraço que uniu os dois pares de namorados parecia uma daquelas cenas finais de grandes competições. O tempo parou para os quatro.

Teriam entrado no *Livro dos records*, na categoria de abraços mais longos, se um gaiato, de dentro de um ônibus, não gritasse:

— Ô, cambada! Larga o osso!

Soltando os braços para fazer os gestos que a provocação merecia, e livrando os lábios para xingar o cretino, desfizeram o encanto e o tempo voltou a passar.

— Tudo bem aí, samurai? — perguntou João Marcos, dando um tapinha no ombro de Jorge.

— Tudo, cunhado. E você?

Cássia receou que a resposta de Jorge pudesse azedar o clima, mas o irmão fez sinal de positivo com o polegar: tudo estava ótimo.

Jorge e Cássia foram para a piscina, e João, muito a contragosto, foi para a quadra. A vontade dele era matar a aula de tênis e ir ver o treino de Sueli. Tinha ainda muita coisa para conversar com ela, muitos abraços, muitos beijos guardados.

34. Só nos duzentos

Sueli tinha acabado de dar um pique na pista quando o professor Aduino chegou. Ele se aproximou dela com vontade de parecer severo, mas logo estava sorrindo:

— Ô, menina, eu pensei que você tivesse abandonado a gente!

Ela sorriu também, acanhada:

— Desculpe, professor. Eu tive uns problemas.

— Já resolveu?

Ela hesitou, antes de responder:

— Acho que sim.

— Beleza! Então vamos treinar os duzentos metros, que o domingo já está aí. Temos pouco tempo.

— Não é melhor treinar primeiro os cem?

— Não. Você vai treinar só os duzentos.

— Mas por quê?

— Eu estou armando um golpe para cima da Débora.

Sueli não entendeu:

— Débora?

— É. Débora Silva, a sua maior adversária no Atletas do Futuro.

— Que golpe?

— É o seguinte. A Débora é lá de Sorocaba, onde vão ser disputadas as provas. Ela conhece a pista como ninguém, porque treina lá todo dia. Ela é a melhor atleta da categoria de principiantes nos cem e nos duzentos metros. É a favorita nas duas provas. Mas eu estou bolando um negócio aqui e talvez você tenha chance de aprontar uma surpresa nos duzentos.

— Ah, professor, eu queria correr os cem e os duzentos.

— Eu sei, eu sei. Mas, nos cem, o tempo dela é uma loucura. Não vai dar pra você, de jeito nenhum. Eu estou pensando numa jogada.

— Jogada?

— É. A prova dos duzentos vai ser só dez minutos depois da prova dos cem. Sabe o que eu estou pensando?

— O que é?

— Você não corre os cem, para não se cansar, e entra com tudo nos duzentos. A Débora vai estar desgastada e você pode faturar.

— Ah, eu não sei. Eu queria...

— Eu sei. Você já disse. Você quer correr as duas.

— É.

— Eu compreendo isso, essa sua vontade de ganhar as duas. Mas tem uma coisa. Você sabe que só a primeira colocada em cada prova vai representar São Paulo no Atletas do Futuro nacional. Nos cem, a Débora é invencível. Mas nos duzentos você pode engrossar para ela. O que você acha?

— Eu fiquei confusa com isso, professor. Não dá pra decidir isso lá, na hora?

— Não dá. As inscrições para cada prova precisam ser confirmadas até hoje à noite. Se você for inscrita para os cem e os duzentos e não correr os cem, depois não vai poder correr os duzentos. Os juízes não vão deixar, porque seria uma atitude antiesportiva. Você estaria tirando a chance de alguma garota correr na sua vaga nos cem, entendeu? É por isso que as inscrições precisam ser confirmadas até hoje à noite. O que eu faço?

— Não sei, professor.

— Pense bem. É a sua chance de, no fim do ano, estar lá no Rio. Lá é que vai ser disputado o Atletas do Futuro nacional. Já imaginou?

— Se o senhor acha que pode dar certo...

— Acho que pode, sim. Nos cem, ninguém ganha da Débora. Nos duzentos, você pode ganhar. Vamos treinar, menina?

— Vamos — ela disse, acenando para Sebastião, que estava passando por ali, de olho roxo, mas feliz.



35. Treinar, treinar, treinar

Na sexta-feira, o professor Aduino fez Sueli treinar mais do que nunca a prova dos duzentos metros, principalmente a largada. Batendo uma mão na outra com força para simular o tiro de partida, ele gritava:

— Vai, Sueli!

E ela se lançava para a frente, quase num salto, procurando imaginar que já era domingo e Débora Silva estava na raia ao lado, atirando-se também para a frente com todo o ímpeto do corpo e a mesma vontade de vencer.

Depois de se esfalfar uma hora nessas largadas, Sueli pôde descansar dois minutos e logo foi chamada pelo professor para correr com as colegas uma, duas, três vezes os duzentos metros.

As outras, enciumadas com a atenção especial recebida por Sueli, fizeram tudo para ganhar dela. Mas, apesar do cansaço, Sueli venceu as três vezes com facilidade.

— Acho que você está no ponto para domingo — avaliou o professor.

— Ela está dispensada, então? — perguntou João Marcos, que já estava esperando por Sueli fazia uns quinze minutos.

— Aguarde as pontas aí, João. Vamos treinar mais um pouco a largada, Sueli — disse o professor, dispensando as outras garotas.

E Sueli ficou mais meia hora fazendo e repetindo os mesmos movimentos, sob o estalo das mãos do professor e o seu grito:

— Vai, Sueli!

Depois que, finalmente, o treino terminou, João Marcos precisou esperar ainda uns dez minutos, enquanto ela tomava um banho no vestiário. O professor ficou conversando com ele:

— E aí, João? Como vai o tênis?

— Estou começando a achar que o tênis não é a minha praia, professor.

— Você não vai me dizer que já queria ser um craque, em tão pouco tempo...

— Não, professor. Um craque não. Mas eu podia estar um pouquinho menos grosso de bola.

— O tênis é um esporte que exige muito fundamento. No começo, é assim mesmo. Você não deve esquentar a cabeça.

— Não sei, não. Eu vou tentar mais algum tempo. Se não der pé, professor, acho que eu vou partir pro pingue-pongue... Leva jeito de ser mais fácil...

O professor riu e fez um convite:

— Se quiser, eu arranjo um lugarzinho aqui para você. Pode ser na corrida, no salto em altura, no salto em extensão, no...

— Tem alguém bom no salto triplo aí?

— Tem um compridão que é uma promessa. Ele parece uma girafa. Você também pode fa...

Adivinhando que o professor ia falar do tamanho dele, o que não lhe agradava muito, João cortou a frase:

— O Brasil sempre foi bom nesse negócio, não é, professor?

— É. Nós tivemos dois monstros. O Adhemar Ferreira da Silva e o João do Pulo.

— Outro dia eu vi na tevê um programa sobre os dois. Achei muito bacana. Eu estava na sala. Então, fiquei empolgado e fui tentar um salto daqueles.

— E aí?

— Aí que eu não consegui dar os três saltos. Logo no primeiro, eu meti a canela na quina da mesa e sabe de uma coisa?

— O que foi?

— Jogando tênis, eu nunca me achei parecido com o Guga. Mas, naquela hora, eu era o próprio Guga. Sabe por quê?

— Nem desconfio.

— Porque, sem querer, eu estava gritando que nem o Guga, sabe como é, professor? Ueh, ueh, ueh!

Quando Sueli saiu do vestiário, o professor Aduino estava rindo do desfecho do salto de João Marcos:

— Quer dizer, então, que o seu salto triplo foi um salto uno? Quá, quá, quá.

Os três foram conversando até o estacionamento. Lá, o professor abriu o porta-malas do seu carro e puxou três sacolas de supermercado.

— Sueli — disse ele —, isto aqui é para você. Tem umas frutas, uns pacotes de leite, umas coisas assim, para você comer neste fim de semana. Eu sei que você tem uma porção de irmãos...

— Seis.

— Eu pensei que fossem cinco. Desculpe, se isso é pouco, mas é de coração. Procure se alimentar bem, hoje e amanhã, e descansar também, está bom?

— Não era bom dar uma treinada amanhã, professor?

— Não, Sueli. É melhor descansar.

— O senhor acha mesmo?

— Acho. Até domingo. Olhe, não vá se atrasar, hem? O ônibus sai daqui às sete. Tchau. Veja se come bem, hem? — sugeriu o professor, apontando para as sacolas de supermercado.

Os olhos de Sueli ficaram úmidos:

— Obrigada, professor. Tchau, então. Até domingo.

36. Débora versus Sueli

O domingo amanheceu ensolarado e o estádio do Clube Esportivo Sorocabano estava em festa. Garotos e garotas de todo o estado de São Paulo, representantes de clubes, associações e centros esportivos, estavam ali para participar do Atletas do Futuro.

Centenas de pessoas concentravam-se na arquibancada para acompanhar as competições, e um canal fechado de televisão tinha enviado um narrador e um repórter para transmitir as provas. Um iogurte recentemente lançado, o Jovem 2000, patrocinava a transmissão, e o fabricante esperava aumentar muito as vendas com aquilo.

Sueli, como os outros atletas do Centro Esportivo Jardim Itapetininga, estava deslumbrada com o tamanho do estádio, a vibração do público, a presença da televisão.

Na viagem, eles tinham enchido a rodovia com seus gritos de guerra e cantado vitória antes do tempo, mas agora já não se sentiam tão confiantes. A torcida de Sorocaba, com o barulho que fazia para aplaudir seus atletas, fazia tremer os competidores de outros lugares.

— Tudo bem? — o professor perguntava a todo instante a Sueli.

— Tudo — Sueli respondia, mas o friozinho na barriga, que desde a chegada ao estádio tinha começado a sentir, crescia minuto a minuto.

João Marcos, que tinha convencido o pai e a mãe a deixá-lo ir, dizendo que acompanhar pela televisão não era a mesma coisa, procurava incentivá-la:

— Você vai ganhar, Sueli. Você vai ver.

Depois de algumas competições em que os atletas do Jardim Itapetininga não conseguiram bons resultados, o alto-falante anunciou a corrida dos cem metros para garotas e começou a chamada das atletas.

Sueli, que não ia participar da prova, estava conversando com o professor quando, de repente, ouviu:

— Sueli Aparecida de Sousa.



— Ué. Parece que eles me chamaram — ela disse, olhando para o professor, que arregalou os olhos e saiu correndo para o lugar onde estava a comissão organizadora.

— Chamaram o seu nome — veio avisar uma amiga de Sueli.

— Mas como? — ela perguntou. — Eu não estou nem inscrita. Vou correr só a prova dos duzentos.

— Mas eu tenho certeza! Eu ouvi!

Nesse momento, o locutor do alto-falante, que continuava a anunciar o nome das concorrentes, berrou:

— ... do Clube Esportivo Sorocabano, Débora Silva!!!

Os aplausos fizeram tremer a arquibancada. O professor, que tinha ido falar com a comissão organizadora, voltou nesse instante, com os olhos mais escancarados ainda, e avisou:

— Sueli, fizeram a maior bagunça e você vai correr a prova dos cem.

O rosto de Sueli se iluminou:

— E a dos duzentos também?

— Não. Só a dos cem. Eu confirmei a inscrição por fax e, não sei se fui eu que fiz a confusão ou se foram eles, mas puseram o seu nome nos cem, e não nos duzentos.

— E agora?

— Agora pode ir tirando o agasalho e se preparando, rápido. Em dois minutos você precisa estar na pista.

Com o coração aos pulos, ela se desfez do agasalho e começou a fazer flexões e alongamentos, acompanhada pelo olhar preocupado do professor, que procurava estimulá-la:

— Já que você vai correr, Sueli, o negócio é correr para ganhar. A Débora não é lá essas coisas...

— Mas o senhor disse que...

— Você não deve acreditar em tudo que eu falo. Ela é boa, mas não é invencível. Entendeu?

— Entendi.

— Ótimo. Então pode ir para a pista.

Acompanhada pelo olhar cheio de amor e ansiedade de João Marcos, Sueli se colocou na sua raia, ao lado da raia de Débora Silva. Enquanto isso na casa de Pascoal, ele, Marta e Cássia se aproximavam mais do televisor.

— Que estranho — comentou Cássia. — O João disse que ela não ia correr os cem metros...

Com os olhos fixos na tela, eles se prepararam para torcer. O repórter informou ao narrador:

— Celso, a favorita é a corredora da raia cinco, Débora Silva, que venceu todas as provas que disputou este ano.

— Obrigado, Mauro. As concorrentes já estão preparadas, esperando o tiro de partida. Atenção, vão largar. Largaram!

Uma gritaria alucinante saudou Débora Silva, que logo se destacou de todas as outras e foi abrindo vantagem.

— Essa garota é um foguete — entusiasmou-se o narrador. — Não vai ter para mais ninguém.

— Ela vai ganhar fácil — comentou um homem, na arquibancada.

— Não vai, não — gritou João Marcos. — Vai, Su. Vai. Vai.

Como se o estivesse ouvindo, Sueli forçou o ritmo, aproximou-se de Débora e emparelhou com ela. As duas correram alguns metros juntas.

— Agora Débora é perseguida pela garota..., pela garota... — disse o narrador, sem conseguir identificar Sueli.

— Vai, Su. Vai. Vai. Isto — berrou João Marcos, com vontade de pular dentro da pista.

Nos últimos dez metros, Sueli tentou o impossível. Cerrou os dentes e fez o esforço supremo.

— E ganha a garota... a garota...

— Sueli Aparecida de Sousa — informou o repórter, socorrendo o narrador.

— Sueli Aparecida de Sousa, do Centro Esportivo Jardim Itapetininga, ganha a prova dos cem metros do Atletas do Futuro, vencendo a favorita Débora Silva, do Clube Esportivo Sorocabano.



Sueli forçou o ritmo, aproximou-se de Débora e emparelhou com ela.

Furiosa, Débora olhou para Sueli, que tentava recuperar o fôlego, e disse:

— Eu só não ganhei porque torci o pé na largada.

Enquanto o repórter chegava perto de Sueli, para entrevistá-la, e o dr. Egberto também se aproximava dela, com jeito de quem ia começar um discurso, Sueli murmurou uma frase que os telespectadores não ouviram mas compreenderam, pelo movimento dos lábios:

— Eu sou f...!

Rindo, Cássia pôs o dedo na tela da tevê, indicando:

— Pai, você viu só a camiseta dela? É aquela do "s", lembra?

Pascoal esticou o pescoço e viu que era mesmo aquela. Então, marcando o ritmo com palmas, logo acompanhado por Marta e Cássia, começou a gritar com orgulho, como se em vez de uma loja tivesse a maior rede de mercados do Brasil:

— Mercadinhos Pascoal!!! Mercadinhos Pascoal!!!
Mercadinhos Pascoal!!!



Sueli



João Marcos



Pascoal

Sueli tem um sonho: desde pequena gosta de correr e quer se tornar uma grande atleta. Apesar da vida dura que leva na favela junto com a mãe e os seis irmãos pequenos, não lhe falta garra e empenho para lutar por seu ideal. Ao contrário, isso é que parece lhe dar forças para superar seus limites.

Você vai se emocionar com esta história de perseverança e força de vontade, torcendo para que Sueli vença todos os obstáculos, nas pistas e na vida.



Leia também de Raul Drewnick na Série Vaga-Lume:

- Um inimigo em cada esquina
- Vencer ou vencer
- O preço da coragem
- A grande virada

ISBN 85-08-07730-0



9 788508 077304